A Formação Imaginária a Respeito do Brasileiro em mídias eletrônicas

Autor: Adilson Donizeti Biazotto

Orientadora: Profa. Dra Carmen Zink Bolognini

Instituto de Estudos da Linguagem

Universidade Estadual de Campinas

Mestrado de Lingüística Aplicada

Adilson Donizeti Biazotto

A Formação Imaginária a Respeito do Brasileiro em mídias eletrônicas

Dissertação apresentada ao curso de Lingüistica Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem
2006

UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
B47f
V ____ EX ____
TOMBO BC/ 372491
PROC. 16-145-07
C ____ D Y
PREÇO 11,00
DATA 26-07-07
BIB-ID 401341

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

B47f

Biazotto, Adilson Donizeti.
Formações imaginárias a respeito do brasileiro em mídias eletrônicas / Adilson Donizeti Biazotto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientador : Carmen Zink Bolognini.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Ideologia. 2. Análise do discurso. 3. Língua inglesa - Estudo e ensino. 4. Hermenêutica (Lingüística). 5. Efeitos de sentido (Lingüística). I. Bolognini, Carmen Zink. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: Imaginary formation about brazilians in electronic media.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Ideology; Discourse analysis; English language Study and teaching; Hermeneutics (Linguistics); Effects of meaning (Linguistics).

Área de concentração: Língua Estrangeira.

Titulação: Mestre em Lingüística Aplicada.

Banca examinadora: Profa. Dra. Carmen Zink Bolognini (orientadora), Profa. Dra. Marisa Grigoletto e Prof. Dr. Lauro José da Cunha.

Data da defesa: 31/10/2006.

Programa de Pós-Graduação: Lingüística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA:

CARMEN ZINK BOLOGNINI _____
ORIENTADORA

MARISA GRIGOLETTO _____
MEMBRO

LAURO JOSÉ DA CUNHA _____
MEMBRO

SUZY MARIA LAGAZZI-RODRIGUES _____
SUPLENTE

PAULO ROBERTO OTTONI _____
SUPLENTE

Este exemplar é a redação final da tese defendida por ADILSON LONGHETTI BIAZOTTO

e aprovada pela Comissão Julgadora em 31/10/2006.

_____

IEL/UNICAMP
outubro/2006.

.Night had fallen over Rosskyb.

Robert Langdon stood alone on the porch of the fieldstone enjoying the sounds of laughter and reunion drifting through the screened door behind him. **The mug of potent Brazilian coffee in his hand had granted him a hazy reprieve from his mounting exhaustion**, and yet he sensed the reprieve would be fleeting. The fatigue in his body went to the core.[...][1]

Enquanto leio o romance, reflito sobre as possíveis razões que levaram o autor a escolher o café brasileiro para celebrar o momento de vitória e de alívio da exaustão descritas na trama.

Dentro do quadro teórico com o qual trabalho essa dissertação, que é o da Análise do Discurso, o autor apresenta seu discurso embasado em formações imaginárias sobre o Brasil e os brasileiros.

---

[1] Excerto extraído do romance The Da Vinci Code,[p.476], ,Dan Brown, 2003 - Doubleday Publisher, Nº de cópias vendidas no mundo todo: mais de um milhão,Traduzido para as 42 línguas. (http://www.danbrown.com/)

Agradecimento Especial

A Profa Dra Carmen Z. Bolognini
Orientadora

... no entanto , a realidade do inconsciente ensina, como já foi dito, a palavra escapa ao falante.

Kupfer, 1989 em Freud e a Educação – O mestre do impossível.

Agradecimentos

Ao Profº Dr. Eduardo Guimarães pelas suas observações valiosas durante a qualificação.

A Profa. Dra. Telma D. Rodrigues pelas suas contribuições pertinentes durante a qualificação.

A Profa. Dra. Suzzy Lagacci Rodrigues.

Aos colegas do grupo de estudos **Discurso e Instituições – história que fazem História**, (http://www.iel.unicamp.br/portal/pesquisa.html) pelas sugestões nos encontros do grupo, especialmente à A Profa Dra Dörthe Uphoff.

Índice

Resumo 08
Introdução.....10

Capitulo 1

1.1 Objetivos.....15
1.2 Perguntas da pesquisa.....20
1.2.1 Geral.....20
1.2.2 Específica 20
1.3 Justificativa.....21
1.4 Metodologia.....23
1.5 Os pressupostos metodológicos da Análise do Discurso.....25
1.6 Os objetivos da Análise do Discurso e a Proposta do presente trabalho.....26
1.7 A AD a sala de aula de Língua Inglesa 29
1.8 Interpretação, Ideologia e o Discurso da Mídia 31
1.9 O silêncio no Discurso da Mídia 36
1.10 Ideologia e Formação Imaginária 37

Capítulo 2

2.1 A Imprensa e o seu desenvolvimento.....40
2.2 A imprensa no Brasil 41
2.3 Imprensa, Poder e Censura 43
2.4 As Formações Imaginárias na Imprensa.....45
2.4.1 Os Efeitos de Verdade 45
2.4.2 Discurso Fundador: O Imaginário do Jornal como Veículo de Informação 46
2.4.3 O Jornalista e a Ilusão do Dizer Verdadeiro 48
2.4.4 As Formações Imaginárias e a Repetição no Discurso Jornalístico 50

Capitulo 3

Análise dos textos

3.1 As Condições de Produção das duas notícias 53
3.2 Análise dos Títulos 53
3.3 Análise das Aspas 55
3.4 Análise da Conjunção **mas** 60
3.5 As Formações Imaginárias e o Deslizamento do Sujeito 63

Capítulo 4

Conclusão 69

Bibliografia 73
Sites 76

Anexos 77

Resumo

Os discursos produzidos pelo material didático (assim como todo/qualquer discurso) são entrecruzados (Grigoletto, 2003) por discursos circulantes em uma comunidade. Desse modo, o discurso da mídia apresenta-se como um dos discursos que se entrecruzam na produção de material didático. Esse processo só é possível porque os discursos da mídia são, dentre outros, ponto de materialização e estabilização de Formações Imaginárias.

O objetivo deste trabalho é evidenciar os mecanismos pelos quais alguns traços que compõem as Formações Imaginárias a respeito do Brasil e do brasileiro são produzidos a partir de dois textos jornalísticos publicados na imprensa eletrônica.

Para tanto, analisaremos contrastivamente, embasados na teoria da Análise de Discurso[1], fundada na década de 60 por pesquisadores franceses e, ressignificada por pesquisadores brasileiros, uma notícia, sobre o mesmo assunto, publicada no jornal eletrônico americano- http://www.cnn.com e no brasileiro -http://www.estadao.com.br.

Consideramos que, haja visto a inclusão crescente destas (re) produções discursivas eletrônicas em livros didáticos, poderemos contribuir com reflexões que, feitas a partir da AD, têm como proposta desenvolver um deslocamento metodológico-teórico na área de Ensino-Aprendizagem de Língua Estrangeira,

Desse modo, centramos nossos estudos nas condições de produção destes discursos: faremos um breve histórico da imprensa, do O Estado de S. Paulo, da CNN. Demonstraremos como os efeitos de sentido, materializados nas suas notícias, escritas por sujeitos interpelados pela ideologia, contribuem para a formação e estabilização de Formações Imaginárias a respeito do Brasil e do brasileiro.

[1] Doravante AD.

Summary

The discourse produced by the didactic material (like any other discursive production) is intertwined (Grigoletto, 2003) by discourses which circulate in a community. Based on this theory, the media discourse is considered as one of those kinds of discourses which intertwine in the production of didactic material. This process is only possible because it is in the media discourse where imaginary formations materialize and stabilize.

The aim of this work is to elicit the mechanisms through which some traces of Imaginary Formations about Brazil and Brazilians are produced, from two pieces of news published in news sites.

In order to reach the aim of this work, we will analyze contrastively a piece of news on the same subject published in the American news site – http://www.cnn.com - and in the Brazilian news site – http:// www.estadao.com.br, founded on the Theory of Discourse Analysis. Originating in France in middle 1960's, having Michel Pêcheux as its central figure, this line of thought has been taking a particular path according to conditions of productions in Brazil, promoting this theory to develop its own characteristics, still keeping its mainstream ideas, though.

Since the reproduction of this discursive production has been increasingly made in didactic materials, we can contribute with reflections, based on the theory presented – Discourse Analysis – propose a theoretical-methodological shift on the EFL field.

We focused our studies on the conditions of production of this discourse: we will summarize the history of the press, of the news agencies – CNN and O Estado de São Paulo. We will present how the effects of meaning, materialized in the news,
written by subjects who are interperllated by ideology, contribute to the formation and stabilization of the Imaginary Formations about Brazil and Brazilians.

Introdução

O discurso produzido pela mídia é um dos que constitui nossa realidade! Os próprios meios de comunicação o divulgam como sendo claro e transparente, e colocam como seu objetivo informar os acontecimentos de maneira neutra e imparcial. Esse discurso é propagado como verdadeiro, desprovido de sentidos outros senão aqueles de divulgar informações.

Entretanto, a propagada imparcialidade da imprensa também é objeto de reflexão por parte daqueles que ocupam a posição-sujeito-jornalista[2]. Para ilustrar tal fato, reproduzimos um excerto extraído da revista Época, publicada em 25/04/2005 [pág.30]. Trata-se de uma entrevista entre a jornalista brasileira, Angela Pimenta, e a norte americana, Nancy Soderberg, vice-presidente da ONG *Internacional Crisis Group*, assessora de ex-presidente americano Bill Clinton entre 1993-1996 e ex-embaixadora da ONU, 1997-2001. Ele exemplifica o papel do discurso jornalístico da CNN no funcionamento da sociedade americana.

[...] Época: **Foi através da CNN**, e não da CIA, que o governo Clinton soube da matança de soldados americanos na Somália em 1993. **O mesmo acontece hoje na Casa Branca**?

Sodeberg: **Claro que sim. E isso não é tão mau quanto parece**. Há repórteres em todo o mundo. Os agentes não estão apenas reportando eventos, **mas analisando-os** e isso leva tempo. As informações passadas pelos agentes percorrem canais de segurança que levam a

[2] O sujeito, para a AD, é definido a partir da posição que ocupa no discurso. Por esse motivo, faz-se referência à posição-sujeito. Entretanto, para facilitar a leitura, estaremos empregando a palavra jornalista sempre que nos referirmos à posição-sujeito jornalista.

retardar sua transmissão, mas os órgãos de inteligência americanos estão se tornando mais rápidos [...][3]

Nota-se que há um reconhecimento, por parte do jornalista, que a informação é transmitida. Entretanto, ele também indica que há uma análise entrando em cena. A questão que estamos colocando, é que uma divisão entre informação e análise inexiste. A partir do momento em que a notícia é apresentada, ela já é analítica. Não concordamos com a possibilidade de que seja feito um relato informativo, destituído que qualquer análise. Isso porque consideramos que a ideologia está sempre presente, em qualquer fato da linguagem.

A CNN, como será apresentado no capitulo 1, não se restringe ao território do Estados Unidos. Sua transmissão atinge um número expressivo de países, e, portanto, não seria exagero afirmar que sua influência é mundial.

Em termos de AD, a questão da influência pode ser tratada com o objetivo de refletir sobre e analisar o funcionamento do discurso jornalístico e das Formações Imaginárias produzidas por ele no leitor. Para tanto, serão analisadas contrastivamente duas notícias publicadas a respeito do Brasil: uma delas divulgada em um site brasileiro, e a outra, em um site estadunidense. O objetivo específico será verificar a constituição da Formação Imaginária a respeito do Brasil e do brasileiro por meio dessas notícias.

Serão trazidas conseqüências para o ensino de Inglês como LE e será reforçada a necessidade de deslocamentos teórico-metodológicos por parte do professor de Língua Estrangeira, no sentido de considerar uma proposta discursiva como sendo fundamental para o estudo do processo de aprendizagem de uma Língua Estrangeira[4].

[3] Grifos nossos
[4] doravante LE

Para observarmos a Formação Imaginária de brasileiros a seu próprio respeito, e de falantes /leitores de inglês a respeito de brasileiros, analisaremos, conforme dito acima, textos extraídos de sites de notícias. Essa escolha deve-se ao fato de que sua utilização é cada vez mais freqüente nos livros didáticos de ensino de Inglês como LE. A título de ilustração, verificamos que um conjunto de material didático de nível intermediário, elaborado por autores brasileiros de uma rede de ensino de idiomas, reproduziu por livro em média sete textos retirados de sites diversos. Do conjunto da série, foram analisados três livros de aluno. Como pode ser verificado no anexo 1, cada livro reproduz em média, sete textos de sites eletrônicos, esse número de reproduções é significativo, visto que cada livro texto é composto por cinco unidades.

A utilização de textos retirados de sites para comporem materiais didáticos para o ensino da LE justifica-se:

a) Por serem categorizados como materiais autênticos, ou seja, aqueles produzidos por falantes daquela língua alvo para seu uso real;

b) Por serem relativamente breves, de fácil acesso e reprodução;

c) Pela crescente utilização, por parte dos alunos, da internet, o que garante um conhecimento prévio do funcionamento discursivo destes textos.

d) A sua constante repetição faz com que o leitor os veja como discursos reprodutores da verdade.

Também é importante destacar que há um deslize da Formação Imaginária a respeito dos textos jornalísticos impressos para os textos divulgados pelos sites jornalísticos de agências reconhecidamente importantes. Isto é, os últimos têm atribuído a si traços que constituem a Formação Imaginária do primeiro: eles seriam neutros, verdadeiros, e

transparentes. Porém, vale a pena ressaltar, que, a partir da teoria na qual embasamos essa dissertação, eles jamais são desprovidos de ideologias.

Considerando o grande acesso aos sites da internet, e considerando que os textos existentes nesses sites compõem material didático, nosso material de análise foi extraído de um jornal eletrônico internacional de Língua Inglesa – www.cnn.com, e de um site nacional – www.estadao.com.br. Esses sites eletrônicos foram selecionados pelo seu prestígio e credibilidade no espaço midiático tanto no Brasil quanto no exterior. A seleção dos textos foi feita seguindo os seguintes critérios: a) que abordassem o mesmo assunto e b) que o assunto tivesse alguma relação com o Brasil ou brasileiros.

Partimos do pressuposto de que esses artigos são constitutivos de Formações Imaginárias[5] e estabilizadores dos discursos de FIs já existentes. Como estamos trabalhando com textos que tratam de assuntos relativos ao Brasil, tais FIs constituem os leitores de comunidades internacionais.

Estabeleceremos um ponto de contado entre o arcabouço teórico da AD e a Lingüística Aplicada. Espera-se assim, materializar o ponto de contato entre as duas áreas através da análise do funcionamento das FIs. Compreendendo tal funcionamento, os professores de língua estrangeira e elaboradores de material didático terão fontes para reflexão sobre suas práticas de sala de aula.

O capítulo 2 aborda as condições de produção históricas da imprensa e sua trajetória na constituição das FIs a respeito da mesma. Faz parte dessas FIs a noção de que a mídia é um veículo transparente, que transmite informações. Consideramos que os sentido estabilizados na imprensa são constitutivos das FIs dos sujeitos.

[5] Doravante FIs

O capítulo 3 trata da análise do material, direcionando a atenção aos efeitos de sentido produzidos pelos textos.

No capítulo 4 faremos algumas conclusões e discutiremos sugestões para a prática do professor em sala de aula.

Capítulo I

1.1 Objetivos

De acordo com Pêcheux (1975)[6] todo discurso é um discurso político. Dessa forma, os textos extraídos de sites são políticos, o que significa dizer que, como todo discurso, eles são produzidos por sujeitos afetados pela história e pela ideologia. Portanto, sujeitos cuja condição de produção se dá politicamente em uma conjuntura de embate determinada pelo estado das relações de desigualdade e subordinação de diferentes posições-sujeito. Faremos, nesse trabalho, a análise dos dados no sentido de demonstrar questões políticas decorrentes do embate entre diferentes posições-sujeito, consequentemente, FIs diferentes. Para tanto, trabalharemos a opacidade dos discursos produzidos pela mídia e seus mecanismos de circulação. Isto implica trabalhar com um conceito de linguagem diferente daquele que a mídia propaga: para ela a linguagem é puramente transparente, e para nós a linguagem é histórica e ideológica.

O discurso jornalístico, televisivo ou impresso, traz todas as propriedades constitutivas da linguagem, tal qual definida por E. Orlandi (1996): opaca e lugar de materialização da ideologia. A AD, de acordo com E. Orlandi (op. cit.), estabelece uma relação intrínseca entre linguagem e sujeito, pois considera que o sujeito é constituído pela linguagem. E é nessa linha que segue o nosso trabalho, procurando trazer conseqüências para a sala de aula de LE a partir dessa concepção de linguagem e de sujeito.

As ferramentas tecnológicas, e aqui incluímos os materiais didáticos, tais como livros, músicas, revistas e sites eletrônicos, fazem parte da sala de aula por razões

[6] a citação refere-se à edição 3ª, de 1997

comerciais ou pedagógicas. Elas envolvem todos aqueles que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem de LE. Portanto, os meios de comunicação estão presentes na sala de aula, direta, ou indiretamente. O Professor, e o aluno, são afetados por notícias, pois elas constituem as suas FIs a respeito de si mesmos, e a respeito dos falantes e do país onde se fala a língua alvo em processo de aprendizagem.

Uma das razões para tal fato é que pode-se saber, em tempo real, o que está acontecendo na cidade ao lado ou num outro país. O meio de comunicação mais difundido é a televisão, seguido pelos jornais impressos e eletrônicos. Ainda assim, os jornais televisivos fazem uso dos sites jornalísticos para compor suas pautas. A internet, diferentemente de jornais impressos ou televisivos, ultrapassa mais facilmente fronteiras políticas chegando até mesmo a eliminá-las, imaginariamente. Este traço constitui a FI a respeito da internet, e é constituído pelo discurso que a coloca como território neutro, por não ser possível identificar seu proprietários, ao mesmo tempo que legitima o discurso jornalístico de liberdade de expressão por ela veiculado.

Analisaremos 2 textos publicados sobre o Brasil, um em língua inglesa na mídia eletrônica [internet] internacional, e outro publicado em português na mídia eletrônica nacional. Essa escolha se deve ao fato de que pretendemos fornecer subsídios para professores de inglês e elaboradores de material didático para o Ensino de Inglês como LE no Brasil. O site internacional escolhido para análise, conforme mencionado anteriormente, foi o WWW.CNN.COM não somente pelo número de usuários que o acessa, mas também pela sua íntima relação com o grupo CNN – Cable News Network.

A Cable News Network é uma rede de televisão a cabo americana fundada em 1980 por Ted Turner. Atualmente, é de propriedade de Time Warner. Seu escritório central é na cidade de Atlanta, estado de Geórgia. A CNN é mundialmente reconhecida por veicular

notícias 24 horas, ininterruptamente. Nos Estados Unidos, sua programação chega a 86 milhões de casas e está disponível em mais 890 mil quartos de hotéis. Mundialmente, a CNN atinge mais de um bilhão de pessoas, em mais de 212 países, por meio de emissoras locais que transmitem sua programação ao vivo ou re-veiculam suas notícias.

Desde a sua criação, em 1º de junho de 1980, a rede tem-se expandido. Hoje o grupo inclui 15 cabos e satélites, como por exemplo, CNN *Headline News* e CNNfn, 12 sites na rede da internet, duas redes particulares, como por exemplo CNN *Airport Network*, duas estações de rádio, 12 *web sites*, CNN *mobile*, e CNN *Newsource*, o maior serviço de notícias centrado em um banco de dados[7]. O site http://www.cnn.com entrou no ar em 30 de Agosto de 1995, descrito como o primeiro site de notícias e informações da internet. O apogeu da CNN veio com a cobertura ao vivo da Guerra do Golfo em 1991.

Considerando aqui a política, conforme discutido anteriormente, como sendo o embate entre posições-sujeitos diferentes (cf Pêcheux, 1975 e Guimarães 1995), podemos afirmar que a CNN, com a cobertura da Guerra do Golfo, colocou em cena sua posição-sujeito. Uma posição-sujeito de jornalismo como fonte de fatos verdadeiros, veiculados através dos seus discursos, considerados transparentes.

Portanto, nesse embate político entre quem tem o poder discursivo de determinar os efeitos de sentido que constituirão os sujeitos, e suas Formações Imaginárias, a CNN tem uma posição privilegiada. Isso porque, considerando-se a abrangência da cobertura da rede (impressa, eletrônica e televisiva), ela constitui e estabiliza as FIs que seu leitor/telespectador tem da notícia que veicula. Podemos concluir que nem a notícia nem o sujeito estão livres da interpelação. Temos os leitores/telespectadores sempre interpelados pelos discursos das notícias, que são filiados a discursos provenientes de discursos de

ordem mais poderosas, que enfim, constituem FIs ideologico-discursivamente. Concordamos, portanto, com Pêcheux (1975), segundo o qual não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

O segundo jornal eletrônico escolhido foi o www.estadao.com.br, derivado do jornal O Estado de S. Paulo, considerado como pertencente ao grupo de jornais mais importantes do Brasil. Fundado em 1875, tem, atualmente, uma tiragem de 250 mil exemplares diários, atingindo o número de 500 mil aos domingos. O Estado de S. Paulo circula, ainda, em alguns países como os Estados Unidos, França e Argentina.

Tecendo considerações a respeito do O Estado de S. Paulo, Viana (1992) em seu livro *A Informatização da Imprensa Brasileira,* o considera desprendido do governo. O suposto desprendimento é atribuído por Viana ao fato de o jornal ter sofrido uma intervenção durante o período de Getúlio Vargas, sendo administrado por membros do governo daquela época – de 07 de abril de 1940 a dezembro de 1945. Para a AD, tal desprendimento, propagado por Viana (op.cit.), não significa um desprendimento do governo, mas sim, implica uma posição ideológica de oposição ao governo. Ou seja, a noção de ideologia para a AD, acontece a partir da linguagem, em oposição à noção de ideologia como partido político.

O jornal O Estado de S. Paulo produz, em cada notícia, efeitos de sentido. E, para que tais efeitos de sentido ocorram, há o trabalho da interpretação. O gesto de interpretação atesta, para Orlandi, (1999) a presença da ideologia. Desse modo, se os mecanismos de interpretação não estão funcionando numa determinada ideologia, o estão em outra(s).

---

[7] de acordo com o site http://www.turner.com

O site eletrônico do jornal www.oestadao.com.br entrou no ar em 20 de janeiro de 1995, e seu acesso é grátis. Entretanto, é possível ter acesso a uma versão digital idêntica à impressa, através dos serviços de assinatura. De acordo com o site, são acessadas 150 milhões de páginas por mês, por 2,3 milhões de assinantes. O número de matérias publicadas por dia é de 400.[8]

Conforme citado na introdução, um dos motivos pelos quais escolhemos os jornais eletrônicos, deve-se à crescente utilização da internet por parte dos alunos. De acordo com os resultados do censo de 2003, conduzido pelo IBGE (www.ibge.org.br), o computador foi o bem durável cujas vendas mais cresceram nos últimos anos. De 2001 para 2002, o crescimento foi de 15,1% e de 2002 para 2003, de 11,4%, sendo que, entre os que tinham acesso à internet, o aumento nos dois períodos foi, respectivamente, de 23,5% e 14,5%. Em 2003, 15,3% das moradias tinham microcomputador, e em 11,4% das moradias, este equipamento tinha acesso à internet. A título de comparação, vale a pena relembrar que a proporção de moradias com máquina de lavar cresceu de 24,3% para 34,4% em dez anos. O crescimento no número de moradias com máquina de lavar, de 2001 para 2002, foi de 3,1% e, de 2002 para 2003, de 4,8%. Portanto, os resultados da pesquisa provam que a possibilidade de acesso à mídia eletrônica se constitui como parte do cotidiano do leitor.

Outros meios de comunicação, por exemplo, os jornais televisivos, utilizam os sites dos jornais eletrônicos para alimentar suas pautas, dando continuidade à roda viva de repetições dos discursos. Os discursos de sites são consumidos pelos leitores, que, se não os acessam, os consomem através das empresas que os utilizam para alimentar suas pautas e os publicam na mídia impressa ou televisiva. A mídia, de uma forma geral, é um grande dispositivo discursivo (cf. Orlandi, 1996) em funcionamento, que estabiliza sentidos.

[8] www.estadao.com.br/es/ecoa/10anos/historia.htm

Considerando a mídia como constituidora e interpeladora de sujeitos, e considerando o grande alcance dos jornais eletrônicos CNN e o Estadão, o objetivo principal nessa pesquisa é contrastar e verificar as diferenças no discurso das agências de notícia, nacional e estrangeira, cujas línguas em questão são o português e o inglês, quando o tópico é o Brasil, e tentando compreender os mecanismos discursivos que produzem possíveis FIs a respeito do Brasil e brasileiros.

1.2 Perguntas de Pesquisa

1.2.1 Geral

A nossa reflexão recai sobre o acontecimento constituído pelo discurso da notícia para trazer à tona as evidências que marcam esse discurso jornalístico sobre o Brasil e suas relações com os países estrangeiros.

Utilizamos as teorias da AD, linha de pesquisa originada na França em meados de 1960, por um grupo de pesquisadores cujo figura central foi o filósofo Michel Pêcheux. No Brasil, tais textos foram sistematicamente repertoriados por pesquisadores das universidades brasileiras resultando na ressignificação deste conjunto teórico (Grigoletto,2003 , Courtine,2005).

A pergunta geral que norteará esta pesquisa será: Os traços que constituem as FIs a respeito do Brasil no exterior são os mesmos que constituem as FIs a respeito do Brasil no Brasil?

1.2.2 Específica

Pêcheux[9] (1969:82) propõe, que, o que está em funcionamento nos processos discursivos, são FIs que afetam o jogo discursivo através da estratégia da antecipação. Nesse jogo, um sujeito A faz a imagem de si e do outro (B) e vice-versa, a partir das suas posições discursivas. Soma-se às FIs dos sujeitos o referente: do que falo ao outro? Além disso, nas condições de produção de relação de contato entre A e B, também entra em funcionamento o que A imagina que B imagina do que lhe é falado. Dependendo da maior ou menor proximidade entre A e B, há o prosseguimento do discurso: polemizado ou não.

Os discursos nos textos eletrônicos publicados na mídia que circulam internacionalmente contribuem para a produção da FI que constitui/constituirá o leitor estrangeiro a respeito do brasileiro. Do mesmo modo, os textos publicados na mídia nacional contribuem para a produção FI que constitui/constituirá o brasileiro a respeito de si próprio. Esses discursos estabilizam as FIs que constituem o jornalista por um processo de interpelação pela linguagem e, portanto, pela ideologia.

Nossa problematização gira em torno das diferentes FIs a respeito do Brasil / brasileiro materializadas nos textos eletrônicos. Analisaremos, comparativamente, dois textos que tratam do mesmo assunto publicados na mídia nacional e internacional. Mais especificamente, a pergunta que nos levará a desenvolver a dissertação é:

1- Quais as marcas nos discursos encontrados nos textos eletrônicos selecionados (www.cnn.com e www.estadao.com) que indicarão a maneira pela qual se dá o funcionamento do discurso para constituir as FIs de seus leitores a respeito do Brasil?

[9] reimpressão: 2001

1.3 Justificativa

A CNN interpela leitores de comunidades que lêem em Inglês, inclusive brasileiros, enquanto que o Estadão interpela leitores que lêem em Português, produzindo sentidos e constituindo suas FIs. Quando um brasileiro estabelece uma relação de contato com um estrangeiro, entram em cena as FIs que o estrangeiro tem de si, e do brasileiro, e as FIs que o brasileiro tem desse outro (estrangeiro) e de si mesmo, num jogo reflexivo e contínuo.

Entretanto, para fins desse trabalho, estaremos focalizando as FIs que o estrangeiro tem do brasileiro e as FIs que o brasileiro tem de si mesmo. Em uma relação de contato entre brasileiros e estrangeiros, entram em funcionamento tais FIs. Portanto, elas definem as posições discursivas dos sujeitos envolvidos nestas relações de contato. Segundo Orlandi (1999) a língua é sujeita a falhas e equívocos. Isso significa que, falar com sujeitos interpelados por línguas diferentes, pode levar a desentendimentos, pois estes estão sob o funcionamento de FIs diferentes e de gestos de interpretação, ideologicamente determinados, também diferentes.

O contexto de ensino-aprendizagem e ensino de LE muitas vezes não leva em consideração a questão das FIs, pois, como vem sendo reiterado, a língua é tratada como transparente, um código a ser transmitido. Se considerarmos tais questões, veremos que desentendimentos, geralmente atribuídos a uma falha do aprendiz de LE, são da ordem do discurso. Ou seja, quando o brasileiro enuncia ‘x’ ele o faz ocupando uma posição discursiva. Por outro lado, seu interlocutor estrangeiro, por ocupar outra posição discursiva, tem outro gesto de interpretação, justamente pelo enunciado não ser transparente, e que pode causar um efeito de sentido ‘y’ no mesmo. E esses diferentes gestos de interpretação

para o mesmo objeto simbólico são causadores do desentendimento, tipicamente atribuído a uma falta de proficiência do aprendiz na LE.

Portanto, partimos do pressuposto de que o desentendimento entre falantes de línguas maternas diferentes pode ser causado pelo fato de os sujeitos ocuparem posições discursivas diferentes devido ao fato de serem constituídos por FIs diferentes.

Embora não seja o foco desse trabalho, vale a pena ressaltar que os materiais didáticos utilizados no ensino de LE, como qualquer outro discurso, também produzem sentidos. Portanto, eles constituem FIs, a respeito do outro, falante da LE e de sua comunidade. Essa ressalva é importante, porque os livros didáticos (LD) de LE apresentam-se, como qualquer outra produção discursiva, entrecruzados por diversos discursos, resultantes de FIs (Grigoletto, *op. cit.*). O LD, sendo resultado dos discursos que constituíram a FI do sujeito que ocupa a posição-sujeito autor, é ideologicamente orientado.

Em se tratando do ensino da Língua Inglesa, no Brasil, temos tanto autores brasileiros que produzem Livros Didáticos, como autores falantes de inglês como Língua Materna. Em ambos os casos, esses autores contribuem para a estabilização de sentidos historicamente já pré-concebidos sobre sua comunidade e sobre o falante de Língua Inglesa. Todos esses elementos compõem suas FIs.

1.4 Metodologia

1- O Paradigma Indiciário

Partiremos do pressuposto de que a ideologia presente nos discursos que constituem as FIs, é identificada nos traços, pormenores, indícios e resíduos considerados como reveladores (Ginzburg, 1991:149).

Segundo o autor, o paradigma indiciário é um modelo epistemológico. Entre 1874 e 1876, foram publicados na *Zeitschrift für bildende Kunst* uma série de artigos sobre a pintura italiana. Eles vinham assinados por um desconhecido estudioso russo, Ivan Lermolieff, e fora um igualmente desconhecido Johannes Scharze que os traduzira para o alemão. Os artigos propunham um novo método para a atribuição de autoria aos quadros antigos. Somente alguns anos depois, o autor do artigo revelou seu verdadeiro nome. De fato, tratava-se do médico italiano Giovani Morelli. O método, utilizado para distinguir cópias de pinturas das pinturas originais, ou seja, verificar a autoria de um quadro, não baseava-se em características mais vistosas atribuídas ao pintor. Morelli considerava que essas características eram muito visíveis e, portanto, facilmente imitáveis. Pelo contrário, o autor afirmava que seria necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola à qual o pintor pertencia. Dessa maneira, Morelli propunha que fossem examinados os formatos dos lóbulos das orelhas, das unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés.

Ginzburg nos conta que a obra de Morelli provavelmente foi lida por Conan Doyle, que utilizou o mesmo método de observação para compor as investigações conduzidas por seu personagem, Sherlock Holmes. Inclusive, em uma de suas obras, Conan Doyle apresenta o caso da caixa de papelão, contendo duas orelhas (1892). Dessa forma, é feita a comparação entre o trabalho de Morelli e aquele desenvolvido durante uma investigação criminal: o crítico de arte, que atribui a autoria de uma obra, é comparável ao detetive que descobre o autor de um crime, por meio da observação de detalhes.

Ginzburg segue a sua argumentação, indicando que Freud também trabalhava com indícios, mas agora da ordem do inconsciente. O método do paradigma indiciário está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica, pois esta também observa coisas

concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou que passam desapercebidos. De acordo com Ginzburg, Freud materializa a importância do método indiciário como uma proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, forneceriam a chave para ascender aos produtos mais elevados do espírito humano.

A proposta nossa de investigação seria, portanto, a de procurarmos traços ou indícios nos 2 textos, que indicassem a sua orientação argumentativa, e a maneira pela qual efeitos de sentido são produzidos.

1.5 Os pressupostos metodológicos da AD

Orlandi (2003) nos sugere que se pode trabalhar, na perspectiva da análise de discurso, com unidades de vários níveis – palavras, sentenças, períodos, etc. – sob o enfoque do discurso. Isso não significaria que essas unidades não tenham a especificidade de seu nível – isto é, lexical, morfológica, sintático, semântico – mas sim, que a perspectiva discursiva também é constitutiva delas. Considerando essa perspectiva, trabalharemos os textos extraídos dos sites, discursivamente, como unidades significativas. Orlandi (*op. cit.*) chama a atenção para Guespin (1971, apud Orlandi, 2003) que afirma que "Um olhar lançado sobre um texto do ponto de vista de sua estruturação em língua faz dele um enunciado. Um estudo lingüístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso".

Portanto, para Orlandi, trabalhar um texto a partir da perspectiva da Análise do Discurso, significa abordá-lo como unidade em cujo processo de significação também

entram os elementos do contexto situacional. Dessa forma, a autora considera que texto e discurso se equivalem, mas em níveis conceptuais diferentes: discurso é conceito teórico e metodológico e texto é conceito analítico. Tendo em vista essa consideração, a autora ainda acrescenta que é possível tratar um texto sob outros aspectos que não o discursivo, e aí texto e discurso se distinguem (cf. gramática de texto). Para que uma análise do discurso aconteça, é fundamental que as condições de produção de um texto sejam observadas. Ou seja, que o contexto social e histórico seja levado em consideração.

A noção fundamental para a Análise do Discurso é a de funcionamento. Isto significa dizer, de acordo com Orlandi (op.cit.), que, do ponto de vista da análise do discurso, o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso. Para a autora, a diferença de construções nos textos, ou seja, o lingüístico, a materialidade da linguagem, tem sempre uma razão que não é a simples diferença de informação, mas sim diferença na produção de efeitos de sentido. Isso significa dizer que pequenas diferenças produzem efeitos de sentido diferentes. Portanto, o trabalho do analista é verificar a maneira pela qual efeitos de sentido são produzidos a partir da análise das marcas lingüísticas na materialidade do discurso.

1.6 Os objetivos da Análise de Discurso e a proposta do presente trabalho.

Orlandi em seu livro Análise de Discurso –Princípios e Procedimentos - escreve que a AD não trata da língua, não trata da gramática, embora tais questões lhe interessem. A AD trata do discurso – incessantemente em movimento – constitutivo do homem sócio-histórico – a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico (1999:16).

Para a autora, os estudos proporcionados pela AD, possibilitam o conhecimento dos discursos e, consequentemente, de suas significações. Os estudos possibilitam, portanto, a proposta do nosso trabalho nessa área de FIs. As condições de produção dos materiais didáticos estão relacionadas e determinadas pelas FIs de seus autores a respeito do Brasil e do brasileiro.

O conceito de FIs foi cunhado por Pêcheux (1969)[10]. O autor afirma que há um deslocamento da posição do sujeito empírico, descrito pela sociologia, para a posição do sujeito discursivo quando se fala em FIs. Há um jogo de antecipação do discurso do outro, posto em funcionamento em relações de contato, que regula a argumentação, antecipando o efeito de sentido produzido nos interlocutores e interferindo, dessa maneira, no trajeto do discurso. Pêcheux (*op. cit.*) nos propõe um modelo das FIs, no qual os interlocutores se baseiam durante as relações de contato para organizarem sua argumentação. Para Paul Henry (1997:20), as FIs tem papel fundamental na argumentação, constituindo-se em um instrumento político discursivo: elas produzem efeitos de sentido nas suas relações com outros discursos em determinadas condições de produção.

A tabela abaixo, pensada por Pêcheux (1969), manifesta a base teórica das FIs de maneira categorizada. A preocupação do autor é deslocar a linguagem compreendida como um sistema fechado em si para sua forma discursiva.

[10] a citação refere-se à edição traduzida de 1997, edição de 2001

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente.
A		
I (A) A	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	"Quem sou eu para lhe falar assim?"
I (B) A	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	"Quem é ele para que eu lhe fale assim?"
B		
I (B) B	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	"Quem sou eu para que ele me fale assim?"
I (A) B	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	"Quem é ele para que me fale assim?"

Pêcheux (op cit) acrescenta a esse modelo o referente do discurso.

	Expressões que designam as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente
A	I (R) A	"Ponto de vista" de A sobre R	"De que lhe falo assim?"
B	I (R) B	"Ponto de vista" de B sobre R	"De que ele me fala assim?"

A partir desse modelo, temos no processo discursivo, as antecipações, FIs pelas quais A representa para si as representações de B, em um dado momento do discurso. Como nos referimos às eventuais "respostas" de B, o curso da argumentação pode ser alterado por A (e vice-versa).

Queremos propor um distanciamento, se as questões exemplificadas no modelo acima possam sugerir ao leitor que a 'lógica' constitutiva do mecanismo de antecipações tem como centro o indivíduo psicologizante, ou seja, aquele que altera de forma o percurso da argumentação empiricamente. A concepção de sujeito com o qual trabalhamos, é o sujeito afetado pelo inconsciente, lugar onde o mecanismo das FIs ocorre, atravessado pelo já-dito e pelas Formações Ideológicas (Pêcheux, *op. cit.*) que constituem esse sujeito. Gadet [*et. al*.] (1997:50-51) reafirma que esses lugares, determinados a estrutura de uma formação social, são marcados pelo materialismo histórico, porém, 'esse princípio organizador determina o lugar que será, ao menos momentaneamente, o da teoria psicanalítica, cuja concepção principal é o inconsciente como estruturado como linguagem, e do sujeito como ser de linguagem ou ser falante (Henry *apud* Lacan, 1977).

1.7 A AD e a sala de aula de Língua Estrangeira

Gostaríamos de propor neste trabalho uma conexão entre os fundamentos teóricos da AD e a prática da sala-de-aula de LE. A proposta é fornecer subsídios para o professor de LE no seu trabalho de formação a partir dos fundamentos teóricos da AD. Há duas questões básicas que merecem atenção para o desenvolvimento desse trabalho.

A primeira delas diz respeito às relações que são estabelecidas em sala de aula, e, nesse caso, a sala de aula de LE não difere das demais. Na sala de aula de LE os sujeitos ocupam lugares sociais de professores e de alunos. Esses lugares são historicamente e ideologicamente marcados. O trabalho de Althusser (1969) discorre sobre as Instituições, e, dentre elas, sobre a escola. Para o autor, a escola funciona como aparelho ideológico do Estado, e tem a função de estabilizar as relações sociais. Dessa maneira, a escola prepararia, para o autor, os alunos para serem operários, para obedecerem, para cumprirem regulamentos.

O trabalho de Althusser merece algumas considerações. Consideramos que a escola é um lugar de estabilização de ideologias. Não de apenas uma. A escola funciona como um local onde diversos discursos entram em cena, um local onde ocorrem todos os conflitos provenientes de posições discursivas diferentes. A sala de aula de LE é um grande exemplo dessa diversidade: os aprendizes de uma LE entram em contando com outra história e ideologias por meio da LE.

A segunda questão que afeta de maneira particular a aula de LE é a ilusão de que os efeitos de sentido produzidos na Língua Materna (LM) e na Língua Estrangeira (LE) são idênticos. Isso ocorre porque trabalha-se com a noção da transparência da linguagem na sala de aula. Conforme veremos na análise dos dois textos, nessa dissertação, os paralelismos dos efeitos de sentido produzidos na LM e LE, permitem criar a ilusão de que

ao escrever, por exemplo, ***"serious candidate"***, está-se dizendo ***candidato sério***[11]. Esse paralelismo direto entre significações utilizado no ensino de línguas apaga as possibilidades da polissemia (sentidos outros).

A nossa proposta é trabalhar com fatores que definirão as relações discursivas de contato que os sujeitos, que freqüentam a sala de aula de LE, estabelecerão com os falantes nativos da LE. Conforme dito anteriormente, a sala de aula da LE trabalha com um discurso que considera a língua transparente. Nós, por outro lado, consideramos que os sujeitos formados discursivamente no Brasil têm FIs diferentes daquelas dos sujeitos discursivamente formados em outro país, no caso, os Estados Unidos. E que essas FIs diferentes faz diferença no momento em que efeitos de sentido são produzidos.

1.8 - Interpretação, Ideologia e o Discurso da Mídia

Devido à concepção de linguagem com a qual trabalhamos, ou seja, como sendo não-transparente, incompleta, o analista deve verificar a maneira pela qual funciona o trabalho da interpretação dos objetos simbólicos de um texto. A Interpretação é uma injunção, afirma Orlandi (1999). Face a qualquer objeto simbólico, o sujeito encontra necessidade de "dar" sentido; interpretar é construir sítios de significância (delimitar domínios) é tornar possíveis gestos de interpretação (Orlandi 1993). Tendo como material de análise um texto produzido em língua inglesa, e um texto produzido em português, estaremos demonstrando que o trabalho da interpretação sobre o acontecimento é diferente.

Essa diferença deve-se ao fato de que, para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha. E com ela o equívoco, a ambigüidade, a opacidade, a espessura do material do significado. Daí a necessidade de administrá-la, de regular as suas

[11] Ver anexo 2

possibilidades, as suas condições, afirma Orlandi (op. cit.). A interpretação, portanto, não é um mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. Também não é livre de determinações. Ela não pode ser qualquer uma e não é igualmente distribuída na formação social. O que a garante é a memória sob dois aspectos:

a) a memória institucionalizada, ou seja, o arquivo, o trabalho social da interpretação em que se distingue quem tem e quem não tem direito a ela,
b) a memória constitutiva, ou seja, o interdiscurso, o trabalho histórico da constituição da interpretação (o dizível, o repetível , o saber discursivo).

No que diz respeito ao trabalho da mídia, há de se considerar que ela é forte na estabilização dos efeitos de sentido dos objetos simbólicos. Portanto, ela exerce papel fundamental na constituição da FI dos leitores a respeito do acontecimento discursivo no texto. Para a AD, conforme mencionado acima, a língua não é transparente. Portanto, os símbolos não têm significado próprio. Eni Orlandi (1996) afirma que os sujeitos produzem efeitos de sentido para os objetos simbólicos a partir de gestos de interpretação. Esses gestos de interpretação estão filiados a ideologias, a sentidos pré-estabelecidos circulantes na comunidade linguageira.

A questão relativa à não transparência da linguagem, e a conseqüente produção de efeitos de sentido a partir de gestos de interpretação afeta a produção das notícias. Ou seja, o jornalista não está fora desse processo de fazer gestos de interpretação ideologicamente determinados. O jornalista está comprometido de tal forma com uma ideologia, que ao entrar em contato com um evento que clama por sentidos, faz gestos de interpretação que estabilizam essa ideologia. Portanto, o sentido não está na língua, mas, ele também não pode ser qualquer um.

O trabalho do analista é dessa forma, entender o funcionamento desse mecanismo de produção de efeitos de sentido no discurso. Dentro do escopo teórico da AD, Orlandi (1996:96) também discute questões relativas ao discurso da mídia. A autora afirma, conforme dito anteriormente, que a mídia é um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem. Enquanto tal, prossegue a autora, a mídia é um acontecimento de linguagem que impõe sua forma de gerenciamento dos gestos de interpretação.

A concepção de linguagem transparente e criticada pela AD é compartilhada por alguns profissionais que trabalham com a mídia. Lage (2002), por exemplo, em seu livro Linguagem Jornalística, trabalha com a concepção de linguagem que a considera transparente. O autor conceitua a informação "como um bem simbólico que se distribui em vários níveis no jornal: a) o projeto gráfico, b) sistemas analógicos e c) sistemas lingüísticos". Observaremos os itens b e c propostos pelo autor.

Os sistemas analógicos, para Lage, classificados como fotografia, ilustrações, *charges* e *cartoons*, fixam e comentam momentos e por isso são unidades semânticas autônomas de grande valor referencial.

> '*Sua sintaxe* [da informação]*, no entanto, é relativamente pobre e isso os torna passíveis de conceituação variável*, ***ambíguos como a própria observação da realidade. As legendas, títulos e balões cumprem a função de reduzir a ambigüidade conceitual'.*** [12]

[12] grifo nosso

Gostaríamos de colocar em questão a referência que o autor faz à sintaxe da língua em *charges* e *cartoons* como sendo pobre e, portanto, passíveis de conceituação variável. Para Orlandi (op.cit.) a polissemia é constitutiva da língua, portanto de qualquer enunciado. Propor uma discussão sobre a variabilidade da conceituação (dos sentidos?) sobre uma suposta pobreza da sintaxe, como o faz Lage (*op. cit*.), é pressupor que há formulações não-polissêmicas e isso não é possível para a AD.

A questão que consideramos a partir do quadro teórico da AD, centraliza-se no comprometimento ideológico do jornalista. Ele é constituído pelos esquecimentos conforme Pêcheux (1975) nº.1, ou seja, ele não é origem dos sentidos, e nº.2, ou seja, os sentidos sempre podem ser outros. O jornalista não está fora da interpretação: seus enunciados são resultado de gestos de interpretação ideológicos, que o constituíram. Portanto, o jornalista, ao produzir um texto, estabiliza a ideologia que o constitui(u), independentemente do tamanho do texto. Em sua argumentação, Lage (*op. cit*.) segue com a seguinte concepção a respeito de uma legenda de uma foto: "a imagem de dois homens correndo na rua pode ser legendada de várias maneiras":

1- " A Polícia perseguiu o ladrão",

2- "Os ladrões fugiram a pé",

3- "Os transeuntes correram quando começou o tiroteio, **etc"**.

O autor considera que fica a critério do jornalista direcionar os sentidos que a língua pode produzir no leitor. O que estamos afirmando, é que essa seleção é sempre regida antes, pelos discursos anteriores que constituíram o jornalista. Portanto, para a AD, o jornalista na ilusão de poder manipular os sentidos da língua, não se dá conta que está interpelado por gestos interpretação ideologicamente marcados.

Apesar do processo de significação ser aberto ele é regido, administrado, é o lugar do trabalho da estabilização, conforme assinala Orlandi (*op. cit*.). Ao mesmo tempo que a língua é necessariamente opaca e incompleta, a sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um. Há uma divisão social do trabalho de interpretação, de acordo com Pêcheux (1981), e é dessa maneira que os efeitos de sentido produzidos pelos objetos simbólicos estão pré estabelecidos, estabilizados. Desse modo, o jornalista, interpelado pela história e pela ideologia, ao compor manchetes, títulos e legendas, produz um texto cuja materialidade é resultado das sua filiação à formações discursivas . E não há sentido sem interpretação. As FIs são resultado, portanto de gestos de interpretação ideologicamente determinados. Dessa maneira, aquilo que pode ser dito do Brasil e do brasileiro é ideologicamente determinado.

Por outro lado, nessa divisão social do trabalho de interpretação, também há a posição-sujeito leitor, com suas FIs a respeito da imprensa atuando. Segundo essas FIs, a imprensa é neutra. Dessa maneira, os gestos de interpretação presentes nos meios de comunicação tendem a ser aceitos e pouco questionados. Isso significa dizer que os efeitos de sentido produzidos pela imprensa constituem os sujeitos de uma sociedade. E a disputa entre os diversos órgãos de imprensa esforça-se em garantir que seja o seu efeito de sentido, aquele que irá constituir o leitor.

Assim, o gesto de interpretação é o lugar em que se tem a relação do sujeito com a língua. É nessa relação que se dá a subjetivação: é no ponto de contato entre a exterioridade (história) e a língua. Na relação do jornalista com a produção de sentidos entram a história e a ideologia, assim como essas últimas também o faz na relação do leitor com o texto. Mas essa relação é determinada pela disputa política pelos sentidos dos objetos simbólicos.

Um texto jornalístico, para o quadro teórico da AD, como todos os outros textos, é considerado como um discurso, aberto, onde sentidos outros são possíveis. Eni Orlandi (1996) coloca o texto como uma unidade significativa e como um objeto lingüístico histórico. E aqui entra o discurso, que é estrutura e acontecimento (M. Pêcheux, 1983). Para Pêcheux, acontecimento se dá a partir de um enunciado em um ponto de uma atualidade e uma memória. Guimarães (2002), acrescenta à concepção de acontecimento, a questão da temporalidade. Ela se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção de interpretável. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta para si mesmo um futuro.

Por outro lado, este presente e futuro próprios do acontecimento, afirma Guimarães (*op. cit*.), funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque recorta um passado memorável.

No caso desse presente estudo, a questão que colocamos é exatamente essa: as notícias produzem efeitos de sentido, significam, por estarem ancoradas a discursos anteriores (passado). E elas projetam uma latência de futuro. É nesse lugar que se situa o nosso aluno aprendiz de LE. Ele tem constituída suas FIs a partir dessas notícias que recortam um passado e projetam uma latência de futuro. Sem esse processo, não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação. O nosso ponto principal é a ancoragem do sentido, da enunciação, do acontecimento às FIs.

1.9 O silêncio e o discurso jornalístico

O silêncio, para Eni Orlandi (1992), tem caráter fundamental na compreensão do funcionamento da linguagem. O silêncio, entendido como fazendo parte do processo de produção de efeitos de sentido. Segundo a autora, por outro lado, no nosso imaginário, um sujeito em silêncio é um sujeito sem sentido.

Desse modo, a autora desenvolve seu trabalha a partir da produção de efeitos de sentido produzidos pelo silêncio, ou seja, a partir do poder que o silêncio tem. Esse poder, ou seja, o funcionamento do silêncio é apagado quando um texto é escrito ou quando um discurso é colocado em movimento. Focaliza-se o dito, e o não-dito perde seu sentido.

Como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição-sujeito, ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo 'outros' sentidos. Isto produz um recorte necessário no sentido. A autora afirma que dizer e silenciar andam juntos. Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma de não calar, mas de fazer dizer 'uma' coisa, para não deixar dizer "outras". Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Esta é sua dimensão política. Retornado aos propósitos deste trabalho, a investigação das FIs produzidas através dos meios jornalísticos, temos textos jornalísticos que põem em silêncio sentidos outros que não estão naquela notícia. Tal silenciamento tem características que atuam no sujeito que ocupa a posição de jornalista, e que vão desde a sua interpelação ideológica inconsciente, passando por escolhas parcialmente conscientes, até à censura explícita.

Segundo Guimarães (2002) o político é constitutivo da fala, e a disputa pelos sentidos acontece nos espaços de enunciação. Nesse trabalho, os espaços de enunciação estudados são os sites onde os textos eletrônicos são publicados. Ora, essa disputa pelo sentido dominante necessariamente silencia outros sentidos, contribuindo dessa maneira para a formação ou estabilização de determinadas FIs, e, silenciando outras.

1.10 Ideologia e Formação Imaginária

Aubenas e Benasayag em seu livro, *A Fabricação da Informação*, discutem, no capítulo 3, a questão da ideologia do mundo midiático no que se refere à transparência, ao expôr do tudo pelos meios de comunicação. Para esses autores, a ideologia n[d]os meios jornalísticos, seria definida como o transparecer dos fatos, denunciá-los, trazê-los às claras. Vemos aqui que a noção de ideologia para esses autores equivaleria a uma idéia comum: uma 'mentalidade' compartilhada.

A partir de outra perspectiva teórica, para Althusser (1985), ideologia é quando as respostas precedem as questões. Sob concepção da AD, Eni Orlandi (1996) define ideologia como sendo responsável pela direção dos efeitos de sentido resultantes dos gestos de interpretação que falam no sujeito.

A AD, tal qual proposta de Pêcheux, analisa o discursivo para mostrar a relação entre o lingüístico e o ideológico. Para Orlandi (1996), a ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Como o discurso é o lugar desse encontro, é no discurso (materialidade específica da ideologia) que melhor podemos observar esse ponto de articulação. Considerando a discussão anterior sobre o silêncio, é importante ressaltarmos que a ideologia funciona tanto no dito como no não-dito.

A AD explicita o processo de materialização do ideológico, que está no discursivo. Ela busca verificar como se deu a sedimentação de certos sentidos, e não outros, dentre os sentidos possíveis em dada conjuntura (Mariani,1988).

A força da ideologia está no evidenciar do(s) sentido(s) e não no esconder. Portanto, a relação da ideologia com linguagem é diferente daquela proposta pelos jornalistas

Aubenas e Benasayag (op. cit.). Essa diferença se deve ao fato de que, para a AD, o próprio trabalho do jornalista é ideológico. Ele não denuncia ou traz às claras a ideologia a partir de uma posição isenta de ideologia. Os autores estão afetados pelos esquecimentos (Pêcheux, 1975), eles têm a ilusão de controle sobre a língua e seus sentidos, não se dando conta que seus gestos de interpretações estão estabilizando o que para eles é o único sentido possível. Não há sujeito que não seja pego pela ideologia (Gadet et. al.,1997). Portanto, o controle dos sentidos e da ideologia é uma ilusão do sujeito.

As formações ideológicas foram pensadas por Pêcheux (1975) como um emaranhado de formações discursivas. A partir de uma dada posição-sujeito, as formações discursivas regem as significações que sucessivamente se relacionam com outras significações, que constituem o sujeito. Desse modo, o jornalista, ao escrever uma notícia, o faz interpelado pela ideologia de discursos já estabilizados em sua comunidade linguageira. Ele não escapa da interpelação pelo discurso. Isso significa que as FIs do jornalista são ideológicas.

Analisar o discurso jornalístico é considerar as suas condições de produção, nas quais funcionam as suas Formações Ideológicas. O discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos, como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas de FIs (Mariani, 1993). Portanto, a mídia é um evento discursivo de massa que, produz efeitos de sentido e, consequentemente FIs, estabilizando efeitos de sentido anteriores e/ou promovendo deslocamentos nos efeitos de sentido já existentes.

Capítulo 2

2.1 A imprensa e seu desenvolvimento

De acordo com Albert P. e Terrou F. (1990), a divulgação da informação antes do nascimento da imprensa era feita oralmente, através dos aedos[13] dos gregos, dos troveiros da Idade Média e dos feiticeiros africanos. Houve, então, a necessidade de espalhar a narração de grandes acontecimentos ou descrever os mundos estrangeiros, de Homero aos cronistas do final da Idade Média, de Heródoto a Marco Pólo. Esse fato deu origem a obras que se assemelham às reportagens atuais. Vieram, então os mensageiros, que transmitiam as informações oralmente ou por escrito, através do pregoeiro e do cartaz-edital.

Segundo os autores, a invenção da tipografia por Gutenberg, em 1438, em Estrasburgo, é tida como um divisor de águas no mundo da reprodução e divulgação da notícia, pois ela permitia uma reprodução rápida de um mesmo texto oferecendo à linguagem escrita as possibilidades de uma difusão que o manuscrito não tinha. As gazetas surgiram no final do séc. XV e traziam, às vezes, gravuras em madeira, folhas de notícias que relatavam um acontecimento considerado importante – batalhas, exéquias principescas, festas, etc – ou reproduziam o texto de algum *avviso*. Essas notícias eram manuscritas com origem em Veneza, devido ao grande entroncamento comercial naquela cidade. *Os pasquins,* que surgiram mais tarde, o mais antigo na França em 1529, relatavam fatos sobrenaturais, crimes, catástrofes e todos os acontecimentos extraordinários. No séc. XVI, surgiram os *libelos*, massas de folhas volantes que alimentavam as polêmicas religiosas e políticas. Dá-se então, o início de um endurecimento da legislação repressiva e da censura

[13] Na Grécia antiga, poeta que recitava ou cantava suas composições religiosas ou épicas, acompanhando-se à lira. [fonte: Dicionário Aurélio Básico da L.Portuguesa, 1988 – Ed. Nova Froteira]

dos impressos, junto com a censura eclesiástica, intensificada por ocasião das guerras religiosas. Esses tipos de folhas volantes ilustravam, pois, desde a sua origem as 3 principais funções do jornalismo:

1- A informação sobre os fatos da atualidade;
2- O relato dos pequenos eventos do dia-a-dia; e
3- A expressão das opiniões.

Surgiram, então, na França em 1486, os primeiros impressos periódicos: os *almanaques* – derivados dos primeiros calendários em Maing desde 1448. O nascimento dos periódicos impressos não provocou o desaparecimento dos escritos informativos não-periódicos. As notícias manuscritas foram utilizadas até século XVIII e ambas complementavam-se politicamente. O primeiro periódico mensal no estilo das cronologias, tendo as bases das publicações anteriores como referência, foi publicado em 1597, por Samuel Dilbaum, em Augsburgo, e nos anos seguintes nos outros países como Alemanha, Holanda, Inglaterra, Madri, Itália, Rússia e França .

2.2 - A Imprensa no Brasil

De acordo com Sodré (1999), a expansão da imprensa deve-se à sua íntima ligação com o capitalismo, aos avanços tecnológicos e ao letramento das sociedades. No Brasil, houve um retardamento na implantação/expansão da imprensa, pois ela foi instalada em 1706. Tratava-se de uma pequena tipografia em Recife, construída pelo então governador Francisco de Castro de Morais, com o objetivo de reproduzir letras de cambio e orações devotas.

Em 1746, de acordo com o autor, Antonio Isadoro da Fonseca, antigo impressor em Lisboa, transferiu-se à colônia, trazendo na bagagem o material tipográfico com que

montou no Rio de Janeiro uma pequena oficina. Imprimiu alguns trabalhos, entre eles a *Relação da Entrada* do bispo Antônio do Desterro, redigida por Luís Antônio Rosado da Cunha, com dezessete páginas de texto. A metrópole agiu rapidamente no sentido de liquidar a oficina, para não propagar idéias que poderiam ser contrárias ao interesse do Estado. Portanto, manter as colônias fechadas à imprensa era característica própria da dominação: essa era uma forma que a ideologia dominante tinha para erigir a ignorância em virtude. No mesmo ano, em 08 de junho, a Carta Régia fechou todas as tipografias e proibiu a produção de qualquer tipo de texto.

Sodré (op cit) relata que o primeiro jornal brasileiro foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundada por D. João VI, radicado na colônia. Sua primeira publicação aconteceu em 10 de setembro de 1808. A *Gazeta do Rio de Janeiro* era porta-voz do Império Português, atendia diretamente a seus interesses, e publicava relatos do que se passava na Europa.

Por outro lado, fundado por Hipólito da Costa, cujo número inaugural data de 01/06/1808, o Correio Brasiliense, foi um jornal doutrinário, com idéias liberais, politicamente posicionado contra a colonização. Era distribuído no Brasil clandestinamente, visto ser impresso na Inglaterra. Era lido por portugueses residentes na Inglaterra, fugidos da invasão napoleônica, em Portugal e no Brasil. O *Correio Brasiliense* foi explicitamente proibido em 11/09/1881. O primeiro ato proibindo a circulação do Correio Brasiliense deu-se em 27 de março de 1809, no qual o conde de Linhares determinava ao juiz da alfândega, José Ribeiro Freire, a apreensão de material impresso no exterior, contendo críticas ao governo. Outro jornal clandestino da época chamava-se *Investigador Português*, também impresso em Londres

2.3 Imprensa, poder e censura

O poder constitutivo da imprensa não é novidade. É por esse motivo que havia ações de censura por parte dos governantes no século XVII, de acordo com Sodré (op.cit.) como relatado anteriormente, quando a Carta Regia determinou o fechamento das oficinas. Para legitimar o poder constitutivo da imprensa, o autor cita um enunciado de Napoleão:

"Sempre que houver uma notícia desagradável ao governo, ela não deverá ser publicada até que todos estejam certos da verdade que se torne desnecessário dizê-la, já que todos a conhecem".

A impressa fundou-se no discurso delatório das corrupções governamentais, sofrendo várias formas de censura desde a sua origem.

Na França, de 1800 a 1870, as tiragens da imprensa cotidiana foram multiplicadas por trinta. Sodré afirma que, diante desse desenvolvimento, os governos, sensíveis sobretudo aos perigos que a imprensa representava para o regime político e aos entraves que ela criava para o exercício do poder, buscaram por todos os meios deter seu desenvolvimento e controlar a voz de seus órgãos. Entretanto, levada pela própria força de sua expansão, a reclamar mais liberdade e contornar os obstáculos que as autoridades colocavam em seu caminho, a imprensa, **por sua influência política direta e por sua ação sobre a opinião**, foi um dos fatores essenciais do progresso das idéias liberais e da adaptação dos conhecimentos e mentalidades às novas idéias e realidades da vida econômica, social e cultural[14].

O poder discursivo da imprensa em assujeitar o leitor fica evidenciado no episódio relatado por Albert & Terrou (1990) evolvendo Hearst, filho de um milionário californiano,

que herdou a revista *Examiner* e lançou o *New York Journal*, em 1895. O seu jornal publicou inúmeras reportagens sobre Cuba e sobre a explosão acidental do encouraçado Maine na baía de Havana. A Espanha se sentiu afetada por essas reportagens, e uma situação de conflito com o governo dos Estados Unidos foi constituída.

Da mesma forma que o jornal contribuiu para criar um acontecimento discursivo que levasse ao conflito, devido à ambições políticas e rancores pessoais, Hearst, utilizou o seu jornal como instrumento de poder explicito: fez o possível, em 1916 e 1917, para evitar a entrada dos Estados Unidos na primeira guerra mundial, pelas suas características germanófilas (Albert & Terrou op. cit.:57). Esses exemplos ilustram a maneira pela qual a interpelação ideológica do jornalista (proprietário do meio de comunicação) é determinante dos efeitos de sentido produzidos em suas matérias. Efeitos de sentido que constituem as FIs de seus leitores.

Engajada na luta política desde o século 17, a imprensa (inglesa) foi chamada por Burke, em 1787, de o *quarto poder.* Os jornais ingleses sempre sofreram intervenções da monarquia, no parlamento. Finalmente, após meio século de lutas e processos contra os jornalistas, o *libel act,* votado em 1792 especificou as condições em que os jornalistas poderiam ser processados perante o júri. Lei de aparência liberal, na verdade assinalou um endurecimento da opressão governamental sobre os jornais.

Se, por um lado, há governos que exercem censura sobre os jornais, por outro não se pode negar que os jornais silenciam efeitos de sentido possíveis dentro de outra Formação Ideológica que não a sua. Dessa forma, o contraste entre as duas notícias publicadas por jornais eletrônicos filiados à formações ideológicas diferentes será uma fonte que permitirá colocar em cena o poder do discurso da imprensa.

---

[14] grifo nosso

2.4 As Formações Imaginárias na Imprensa

2.4.1 Os efeitos de verdade

A história da imprensa francesa, (Albert & Terrou op cit.) teve seu deslocamento efetuado com Théohraste Renaudot, um médico que criou, em 1629, um tipo de agência de empregos para os desafortunados, publicando anúncio de empregos e logo sua agência tornou-se um centro das mais variadas atividades. Mais tarde, lançou sua Gazette, semanário de 4 páginas, com tiragem de 1.200 exemplares desde 1638, que obteve em 1635 o direito do monopólio do jornalismo absorvendo outros periódicos da época. Théohraste , segundo os autores, diz que *"a história é o relato das coisas acontecidas, a gazeta, apenas o rumor que as acompanha... ela não mente, mesmo quando publica alguma notícia falsa que lhe foi fornecida como verdadeira. Só a mentira que ela forjasse propositalmente poderia, pois, torná-la digna de reprovação.(...) É difícil que entre quinhentas notícias escritas às pressas de um clima para outro, não escape aos nossos correspondentes alguma que mereça ser corrigida por seu pai, o tempo. Mas provavelmente sempre haverá pessoas curiosas por saber que naquele tempo tal boato era considerado verdadeiro...."*

Sobre a questão levantada por Théohraste Renaudot, é interessante refletirmos sobre a questão da notícia ser considerada "boato" ou de ser considerada "verdade". Se pensarmos em Foucault (1969,1971)[15] teremos que o discurso produz efeitos de verdade. Isso significa dizer que, como afirma Pêcheux, o real é o impossível. Porque, todo e qualquer acontecimento é resultado de gestos de interpretação feitos a partir de uma posição-sujeito afetada pelos efeitos de verdade. Portanto, considerar um acontecimento

como “boato”, ou como “verdadeiro” depende estritamente das condições de produção do discurso e da posição-sujeito a partir da qual ele foi enunciado.

Gostaríamos de citar Henry (1997) que afirma ser a história descritiva e empírica, ou seja, considera que a história é escrita de tal forma que os fatos que ela descreve se estabilizarão como verdades. Ignora-se que, aquele que a escreve está sob efeito de gestos de interpretação ideologicamente determinados. Se, por um lado, temos este sujeito tomado por gestos de interpretação, relatando seus fatos como sendo a única verdade possível, sentidos outros lhe escapam ou lhe são silenciados. Para Orlandi (1999), sempre existe a condição de outros gestos de interpretação serem feitos para os fatos, e aqui incluímos as notícias. Podemos pensar que o jornalista relatou a notícia tomado por gestos de interpretação, interpelado por uma ideologia e a interpreta como verdadeira. O mesmo processo acontece com o leitor

.

2.4.2 Discurso Fundador : O Imaginário do Jornal como Veículo de Informação

Sodré (1999) conta a história daquele que considera o primeiro jornal informativo a circular no Brasil, relatando que, a 1º de Junho de 1821 aparecia na Corte o *Diário do Rio de Janeiro*, fundado e redigido pelo português Zeferino Vit de Mereles, que ascendera, na impressão Régia, de operário a vice-administrador. Seu fundador se auto proclamava, e portanto, a seu jornal, como sendo uma folha deliberadamente omissa nas questões políticas. Para Zeferino Vit de Mereles, o Diário do Rio de Janeiro, deveria ocupar-se quase tão somente das questões locais, procurando fornecer aos leitores o máximo de informação de caráter particular e anunciativo: aquelas que tratavam de furtos, assassinatos, demandas, reclamações, divertimentos, espetáculos, observações meteorológicas, marés, correios;

[15] As publicações utilizadas neste trabalho são reimpressões dos anos de 2002 (8ª ed.) e 2002 (6ª ed.) respectivamente.

escravos fugitivos, leilões, compras, vendas, achados, aluguéis e, desde novembro de 1821, preços de gêneros. O jornal aparecia até às 8 horas da noite e os interessados o encontrava na livraria de Manuel Joaquim da Silva Porto, e em outros pontos da cidade havia caixas onde deveriam lançar os seus escritos, até às 16 horas. Em março de 1822, o jornal passou a ser impresso em oficina própria, a segunda a ser instalada no Rio de Janeiro. A popularidade do periódico cresceu: passou a ser conhecido como *Diário do Vintém,* pelo preço, e como *Diário da Manteiga* porque trazia os preços, entre outros gêneros, da manteiga que chegava à Corte para consumo da população. Para ser coerente com sua proposta de distanciamento das questões políticas, Zeferino Vit de Mereles não noticiou a proclamação da Independência, inserindo apenas, a partir de 24 de setembro, editais a respeito do acontecimento. Não mencionou a aclamação, nem o golpe ministerial de 30 de outubro. Entretanto, apesar da isenção absoluta de que fazia alarde, Mereles sofreu atentado, em agosto de 1822, de que veio a falecer. O Diário do Rio de Janeiro circulou até 1878. Na interpretação do historiador Sodré (op.cit.:50-51) tal prática de imprensa foi precursora do jornal de informação.

Vemos dois pontos interessantes nas citações de Sodré (*op. cit.*). Primeiro, a sua tentativa da estabilização da imagem da instituição jornalística como veículo de informação que relata somente os fatos, o que vê, sem qualquer interferência fica comprometida com o assassinato de Mereles. Isso porque a imprensa é um espaço de circulação de discursos, de constituição de efeitos de verdade e de constituição de FIs. Se a imprensa silencia, não noticia algo, é como se ele não se transformasse em acontecimento. E aqui, entra o segundo ponto a ser colocado a respeito do comentário de Sodré (op. cit.): a utilização da língua como mero instrumento de informação, com seus elementos dispostos linearmente de sentido único e literal. Para nós, que orientamos este trabalho pelo quadro teórico da AD,

não há discurso que não seja ideológico. Quando o autor acima nos afirma que o jornal citado mantinha um distanciamento das questões políticas, coloca em funcionamento significações outras, pois a não filiação política não significa que se pode estar fora da ideologia, de gestos de interpretação e das formações discursivas. Aquele jornal não publicava discursos sobre a política. Contudo, o silêncio tem significado em si. Portanto, o não noticiar também é estar na ideologia.

Através dessa discussão, queremos salientar que o processo de constituição das FIs se dá por intermédio de discursos. Entretanto, deve-se ressaltar que o analista não pode desconsiderar a importância do silenciamento de discursos outros, oriundos de Formações Ideológicas diferentes para verificar o funcionamento das FIs.

2.4.3 O jornalista e a ilusão do dizer verdadeiro

A produção teórica na área da comunicação é intensa. Encontramos publicações de manuais, como por exemplo *Jornal Impresso – da Forma ao Discurso*, um laboratório publicado pelas edições Paulinas. Tais publicações técnicas fazem referência, em maior ou menor grau, ao papel político e social da imprensa. Entretanto, há uma formação discursiva comum em torno do ideal de imparcialidade, objetividade e veracidade dos fatos/informação, como pode ser observado na citação a seguir.

"Em tese, salvo, é obvio, nos jornais de cunho partidário ou ideológico, a imprensa, de acordo com o mito da objetividade, deveria colocar-se numa posição neutra e publicar tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões". (Rossi, 1985)

Todavia, com base nas teorias da Análise do Discurso, sabemos que os sentidos produzidos por esses textos já estão previamente administrados. Não se trata de deixar que o leitor tire suas próprias conclusões, pois a interpelação ideológica é constitutiva do jornalista e essa ideologia é projetada no texto que produz.

Rossi (*op. cit.*) considera a existência de fatores que atuam sobre o jornalista que escreve a notícia. Ele lista a influência de fatores externos, tais como ideologia da empresa que domina o jornal, a ideologia do próprio jornalista, do público leitor a que se destina, a ação da censura, etc. A única saída para que um texto seja neutro, ainda segundo Rossi, está centrada em um (possível) poder de manipulação da linguagem pelo próprio jornalista. Este poder, aliado à força da realidade dos fatos, afastaria o fantasma da subjetividade e da "mentira".

Gostaríamos de colocar em discussão a concepção de jornalista com a qual Rossi (*op. cit*.) trabalha. O jornalista, em uma sociedade, está inserido em instituições, é interpelada pelo discurso e exposta aos discursos já estabilizados ideologicamente. Desse modo, o jornalista, é assujeitado à linguagem, e escreve os artigos atravessado por gestos de interpretação que o constituem. Há, então a ilusão da manipulação ou articulação da língua de modo consciente, ou seja, a ilusão que língua tem a origem nele. Entretanto, partimos do pressuposto que é a linguagem que o conduz. Ele está assujeitado à sentidos já circulantes, que constituíram suas FIs, e que regem seus gestos de interpretação.

Nesse deslocamento sobre a concepção de sujeito tal qual proposta por Pêcheux (1975), a ideologia está em relação com a linguagem, e esse funcionamento constitui o sujeito. Eni Orlandi (1999), continuando a reflexão de Pêcheux, afirma que o sentido fala ao sujeito, do sujeito e antes de que o sujeito possa dizer: "Eu falo". É importante ressaltar que esse jornalista é tomado pelo discurso, que produz acontecimentos, em condições de

produção determinadas. Não há como distanciar o jornalista da ideologia, que constitui os efeitos de verdade. Esses efeitos de verdade orientarão os efeitos de sentido resultantes de seus gestos de interpretação, mesmo que esse jornalista escolha cuidadosamente suas palavras.

Mariani (1998) afirma que cabe à imprensa o relato do cotidiano. Tal relato, porém, como afirma Carbonell (apud Mariani, op. cit.) não pode ser visto como registro fiel do real (empírico), mas sim, como construção ideológica dos acontecimentos. Nesse ponto, entra em discussão o embate do real versus realidade: o real é o empírico e a realidade é construída simbolicamente. Então, esse real nunca é alcançado, (cf Pêcheux,1975) pois o simbólico está sempre nesse entremeio. Concluímos, portanto que a verdade é construída pelo discurso. E depende da maneira pela qual o jornalista é discursivamente constituído.

2.4.4 As Formações Imaginárias e a repetição no discurso jornalístico

Ferrari (2003) afirma que a urgência é uma constante no jornalismo eletrônico uma vez que as notícias são atualizadas com minutos de diferença entre as publicações. A autora cita o exemplo do site do provedor Terra (www.terra.com.br) que durante os atentados terroristas de 11 de setembro (acontecimento histórico que certamente provocou deslocamentos, rupturas na produção de sentidos) aos Estados Unidos, disponibilizava a atualização das informações de minuto em minuto. A autora ainda enfatiza as condições de produção da elaboração dos discursos (notícias) publicadas nos sites jornalísticos, ilustrando com acontecimentos pessoais. “O dia começa com pauta zero, e histórias inteiras são concluídas em horas ou mesmo minutos”. A autora explica que reproduz notícias que ouviu no rádio de seu automóvel, transmitido-as para a redação, solicitando que uma nota fosse publicada no site, *linkando-a* ao hipertexto sobre a notícia num segundo momento.

Nesse processo, podemos constatar a *repetição* automática do discurso ouvido pelo rádio, sustentado pela legitimidade adquirida do discurso jornalístico, como verdade, como descrição real dos fatos.

O pressuposto do discurso que nos é mostrado é aquele que vê a língua como instrumento de comunicação, permeado pela sua volatilidade; meramente descritiva de fatos, sem se dar conta dos efeitos de sentido sobre o leitor. Entretanto, os sentidos são sempre marcados ideologicamente e constituem as FIs daqueles leitores.

Simplesmente, não há questionamento: o discurso é aceito como fonte de verdade, sem que sejam observados os sentidos que já estão lá, estabilizados através das repetições. Repetições que Orlandi (1996) define como sendo:

a) a repetição empírica (mnemônica) que é a do efeito papagaio, só repete;

b) a repetição formal (técnica) que é um outro modo de dizer o mesmo;

c) a repetição histórica, que é a que desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discursos, os seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper o já estabelecido.

Faremos a seguir a análise contrastiva das notícias considerando que é a repetição histórica que constitui FIs diferentes.

Capítulo 3

Análise dos textos

O objetivo desse trabalho é investigar as formas pelas quais a materialidade discursiva dos textos publicados nas mídias eletrônicas - nacional e internacional, nos mostram que através de traços, os jornalistas são constituídos por FIs, que colocadas em circulação, constituirão as FIs dos leitores. Pêcheux (1988)[16] reúne a estrutura e o acontecimento. Isto significa dizer que, para o autor, a forma material é vista como o acontecimento do significante. Com a filiação da AD ao materialismo histórico, todo acontecimento discursivo é histórico e ideológico. Pêcheux (*op. cit.*), ancorado em Althusser, a utiliza-se da concepção de forma-sujeito[17] daquele autor. Contando também, com a contribuição da Psicanálise, a partir da re-leitura da obra de Freud feita por Jacques Lacan, Pêcheux trabalha com a concepção de inconsciente, estruturado como a linguagem ou ser falante. Dessa forma temos, um sujeito afetado pela língua, com a História (exterioridade), e constituído pela Ideologia.

Como a ideologia e o inconsciente estão materialmente ligados pela língua, pela discursividade, trabalhamos com o pressuposto que o discurso é responsável pela constituição de FIs no sujeito. Conforme discutido anteriormente, as FIs orientam o sujeito na maneira pela qual ele interpreta o mundo, na maneira pela qual o sujeito se relaciona com os objetos do mundo. Portanto, pretendemos investigar a maneira pela qual algumas FIs são constituídas pelo discurso da mídia.

---

[16] Refere-se à edição de 2002

[17] "Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da *forma de sujeito*. A "forma-sujeito", de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais

O texto em Língua Inglesa utilizado foi extraído do site **www.cnn.com** e o texto em Língua Portuguesa do site **www.estadao.com.br**. Para o site internacional, utilizamos seu mecanismo de busca interno, digitando a palavra *Brazil*. O resultado foi um grande número de textos de caráter esportivo, principalmente de futebol. Isso indica que um dos traços das FIs a respeito do Brasil é composto a partir do discurso esportivo (futebol).

Todavia, para fins desse trabalho, procuramos investigar a materialidade discursiva que indicam traços de FIs a respeito do Brasil e brasileiros considerando o relacionamento político entre os dois países. Para tanto, selecionamos dois textos (um em português, outro em inglês) que relata a visita de uma autoridade estadunidense ao Brasil.

Jornal Eletrônico	WWW.CNN.COM	WWW.ESTADAO.COM
	Powell calls Brazil "serious candidate" for UN Security Council	Brasil é bom e sério candidato para conselho da ONU, diz Powell

3.1 Condições de Produção das duas notícias

O governo estadunidense acusava o governo iraquiano de produzir artefatos nucleares. Essa acusação serviu de justificativa para estabelecer um estado de beligerância. Para legitimar sua posição, os Estados Unidos precisam do apoio do conselho de segurança da ONU. O governo brasileiro estava se candidatando a uma cadeira nesse conselho de segurança, e os textos selecionados ilustram a disputa discursiva em torno desse assento[18].

[18] cf anexos 2, 3 páginas 80 e 82

3.2 Análise dos Títulos

Tomemos como exemplo os títulos das duas reportagens :

www.cnn.com	**www.estadao.com.br**
Powell calls Brazil "serious candidate" for U.N. Security Council	Brasil é bom e sério candidato para conselho da ONU, diz Powell

Nota-se que a estrutura dos dois títulos indicam percursos de sentido diferentes. No título em inglês, temos um período composto por uma oração principal : *Powell calls*, e uma oração subordinada *Brazil "serious candidate" for U.N. Security Council*. Dessa forma, a relação que se estabelece entre Estados Unidos e Brasil, é de subordinação. Powell ocupa a posição-sujeito de representante do governo estadunidense. Há aqui um processo metonímico ocorrendo que permite o deslize de Powell para Estados Unidos, ou governo estadunidense.

Powell é o sujeito da oração principal, sujeito do enunciado, e o agente da ação do verbo *call.* Entretanto, o jonalista é sujeito da enunciação. De acordo com Orlandi (1988), há duas instâncias de constituição do discurso: a circunstância da enunciação e a instância do enunciado. A instância do enunciado é aquela do interdircurso, que pré-existe à situação de enunciação. Para a autora, o sujeito da enunciação, ao colocar a língua em movimento, se apodera do enunciado e intervém no repetível. Dessa forma, fica colocada na materialidade do discurso a posição de poder de Powell, pois sua intervenção no repetível, é feita a partir de seu interdiscurso, isto é, a partir de ideologia que o constitui. Por sua vez, o jornalista ao ocupar a posição de sujeito do enunciado, a partir da enunciação de Powell,

mostra que traços das FIs de Powell no enunciado do jornalista, desse modo como uma garante a estabilização da FI de Powell. É ela que entra em cena quando ele enuncia.

Por outro lado, no título do site em Língua Portuguesa, *Brasil* é o sujeito do enunciado, enquanto que Powell aparece no final do título, como aposto. Dessa maneira, no enunciado em Língua Portuguesa, o destaque é dado para o *Brasil*. O Brasil é o tópico do enunciado, o sujeito do enunciado, enquanto que Powell, o sujeito que ocupa a posição-sujeito de enunciador, aparece no final da frase, como um aposto. Portanto, é possível verificar que alguns traços que compõem as FIs que constituem os títulos em Língua Inglesa e Língua Portuguesa são diferentes. O site da CNN coloca os Estados Unidos, na figura de Powell, como sujeito do enunciado da oração principal de um período composto, e como sujeito da enunciação da oração subordinada do mesmo período. A relação de desequilíbrio entre o poder dos dois países fica, assim, materializada no enunciado. No título em português, por outro lado, a relação entre os dois países se dá de maneira diferente: apesar de continuar sendo o sujeito da enunciação, Powell não é sujeito da oração principal, e aparece na formulação como um complemento. O Brasil é o primeiro elemento e o principal da frase. Portanto, os dois textos constituem FIs diferentes a respeito da posição e do papel que cabe aos Estados Unidos e ao Brasil no cenário mundial.

3.3 - Análise das aspas

Outra marca que determina o percurso de sentidos é o aspeamento do sintagma "*serious candidate"*. Para procedermos esta análise, destacaremos do texto a parte que faz referência especificamente ao título do artigo.

Segundo Authier (2004), o que está entre aspas, é de estatuto autonímico do elemento, ou seja, da palavra – que é marcada do ponto de vista do outro. O locutor faz menção e não uso das palavras aspeadas. Essa(s) palavra(s) é (são) vista(s) como corpo(s) estranho(s), objeto(s) mostrado(s) ao receptor, como se o autor quisesse manter distância da(s) palavra(s). Authier afirma que as aspas são a marca de uma operação metalingüística, local de distanciamento: uma palavra, diante do discurso, é designada como lugar de uma suspensão de responsabilidade por parte do enunciador.

Há de se considerar também que a marcação de um segmento de um enunciado por meio de aspas, além de ser sinal de que há uma atribuição de autoria ao outro, também indica que há uma atitude metalingüística do desdobramento do locutor em seu enunciado. Ele o acompanha por um comentário crítico, no próprio curso de sua produção. Nesse sentido, Authier-Revuz considera as aspas como marcas da ilusão do interlocutor em ter o controle sobre a linguagem, sobre as palavras. Mas escapam-lhe os efeitos de sentidos produzidos pelas formações discursivas ideologicamente inscritas nos gestos de interpretação produzidos a partir das suas FIs em funcionamento.

A autora classifica em 7 as funções das aspas:

1) Coloca o autor como dono da palavra, posse, apropriação;
2) designa as palavras assinaladas como "deslocadas", pertencentes a outros discursos;
3) destaca termos familiarizados no lugar de palavras/jargões científicos que o leitor não conseguiria fazer sentido se as lesse;
4) proteção sobre uma palavra assinalada, como se o locutor quisesse indicar ao interlocutor que tal palavra é apenas um modo de falar, sem discutir o sentido que ocorre com o uso daquela palavra;

5) podem ser usadas mais como um mecanismo de defesa pelo questionamento do caráter apropriado de uma palavra;
6) podem significar a ausência de uma outra mais apropriada para o texto, ou que ela é um engodo;
7) podem salientar a ênfase daquela palavra.

O sintagma "*serious candida*te" está aspeado em inglês, e no enunciado em português, *Brasil é bom e sério candidato para conselho da ONU, diz Powell,* ele se apresenta não só sem aspas, como também acrescido da palavra *bom*. Desse modo, após o estudo apresentado acima, consideramos que as aspas teriam a função de proteger a palavra assinalada, como se o locutor quisesse indicar ao interlocutor que tal palavra é apenas um modo de falar, sem discutir o sentido que ocorre com o uso daquela palavra.

Porém, as aspas, ao marcarem o sintagma, trazem consigo as marcas da denegação. Um *serious candidate* não é um **"***serious candidate***"**. Isso significa dizer que as aspas indicam na materialidade do discurso a necessidade de que a polissemia seja considerada. Ao mesmo tempo que as palavras *serious candidate* indicam um efeito de sentido, seu aspeamento, indica que, obrigatoriamente, esse efeito de sentido é outro.

No português, o Brasil é um *bom e sério candidato*, e não um **"***bom e sério candidato***"**. Dessa forma, seguindo a discussão acima, a ausência das aspas indicam que *sério candidato* é uma formulação cujo efeito de sentido não tem sua polissemia indicada na materialidade do discurso. O autor do texto não pede a seu leitor que faça um exercício para verificar outros possíveis efeitos de sentido do sintagma.

Nesse entremeio, tensionado pelo uso ou não das aspas, a ideologia aparece. Sabemos, a partir da concepção de linguagem da AD, que essa é polissêmica, que ela é

incompleta e que não é transparente. O uso das aspas no texto em Inglês chama a atenção do leitor para o sintagma *"serious candidate"* e materializa a possibilidade da polissemia. Em Português, por outro lado, essa possibilidade não se coloca, e o sintagma s*erio candidato* é reforçado com o adjetivo *bom*. Nota-se também que a estrutura do sintagma *bom e sério candidato* coloca o adjetivo antes do substantivo. Essa estrutura é a da Língua Inglesa, e opcional para a Língua Portuguesa. Isso indica que também há uma aproximação do enunciado com aquilo que, estruturalmente, corresponde à fala de Powell.

A questão ideológica se configura, portanto, no enunciado em Inglês na indicação de que *"serious candidate"* pode ter mais do que um efeito de sentido, e no texto em Português, na aproximação de estrutura do enunciado com o Inglês. A FI constituída a respeito do brasileiro no sintagma *"serious candidate"* é diferente da FI constituída pelo sintagma *bom e sério candidato*.

Ao longo do texto, as aspas ainda continuam sendo marcas da fala do outro. Entretanto, essas falas não são marcadas apenas pelas aspas, mas também introduzidas pelos verbos *say, tell,* etc..., conforme pode ser observado no segmento reproduzido abaixo, e no texto (Anexo 1).

When asked if he would support Brazil for a seat on the Security Council, Powell said he was waiting for the results of an independent report from the council.
He said he didn't want to single out a specific country, but he thought Brazil "would be a serious candidate in an expanded format."

"As we look at expansion, Brazil has to be looked at" due to its democracy, its size, and its peacekeeping role in Haiti, Powell told business leaders in a speech.
Along with Germany, Japan and India, Brazil is lobbying for a permanent seat on the council.

In January, Brazil took a two-year seat on the council. The United States says it will wait for recommendations of a U.N. panel on Security Council reform before taking a position, but has seemed lukewarm to the idea of council expansions for any other country than Japan.

Destacamos dois segmentos para análise:

1-*"would be a serious candidate in an expanded format"* ,

2-*"As we look at expansion, Brazil has to be looked at".*

Como pode ser observado, na sentença 1, ao sintagma "*serious candidate"* acrescentou-se uma condição, *"in an expanded format"*. O sujeito do enunciado, *Brazil,* não é aspeado. Dessa maneira, fica mantido o paralelismo com a situação anterior, na qual o aspeamento funciona para marcar a fala de Powell, mas em um contexto específico, ou seja, aquele no qual o dito pode e deve remeter a outros efeitos de sentido. Fica em evidência a polifonia.

Situação semelhante ocorre no enunciado *"As we look at expansion, Brazil has to be looked up."* Aqui, o sintagma "*serious candidate"* é parafraseado por *"Brazil has to be looked up",* e *"in an extended format"* é parafraseado por *"As we look at expansion"*. Pode-se notar que o sujeito do enunciado é o pronome *we*, que pode significar os Estados Unidos, o governo estadunidense, e/ou os demais representantes da ONU. Ou seja, há aqui um destaque para a autoria da expansão do conselho de segurança da ONU: ela é compartilhada pelos Estados Unidos. Portanto, além de ser colocado na posição-sujeito de autor de um projeto, Powell, os Estados Unidos, ou o seu governo, também estão ocupando a posição-sujeito de definir qual seria o papel do Brasil/governo brasileiro nesse projeto.

Conforme comentado, os verbos *tell* e *say* se encontram no texto em inglês, também indicando o enunciado atribuído a Powell. Entretanto, o segmento *...due to its democracy, its size, and its peacekeeping role in Haiti…,* é introduzido pelo verbo *tell* como tendo sido enunciado por Powell, e não aparece aspeado. Ou seja, esses efeitos de sentido não estão em discussão. Não está em discussão se o Brasil é democrático ou não, se o seu papel no Haiti é o de garantir a paz ou ainda, o seu tamanho. Esses dados são apresentados como argumentos a favor de uma possível indicação do país para o conselho de segurança em um formato expandido da ONU. Argumentos que podem, e devem, ser entendido como seguindo apenas um percurso de sentido: o do elogio.

A argumentação, considerando-se o aspeamento no texto, se dá seguindo duas orientações: aquilo que é o tópico, e que está em discussão, cujos efeitos de sentido devem ser observados como polissêmicos, é aspeado. Aquilo que deve ser entendido como elogio, e que não está em discussão, portanto não há necessidade de chamar a atenção para a polissemia, não é aspeado.

3.4 Análise da conjunção *mas*

Além do uso das aspas, essa enunciação é marcada pelo modelo **P mas Q**.

Ducrot (apud Maingueneau,1997) afirma que o **mas** tem a seguinte função argumentativa : o enunciado **P** seria verdadeiro, e produziria um certo efeito de sentido. Ele é apresentado para levar à conclusão **R.** Entretanto, o movimento do discurso leva o enunciado **mas Q** a produzir um sentido ainda maior em oposição aos efeitos de **P**.

Desse modo, o enunciado - *He said he didn't want to single out a specific country,* ***but*** *he thought Brazil "would be a serious candidate in an expanded format"*, temos o efeito de sentido de **mas Q** *"but he thought…"* sobrepondo-se a **P** *"He said he didn´t want*

to single out a specific country". Ou seja, em um contexto no qual a Alemanha, o Japão e a Índia estão em disputa pelo assento no Conselho de Segurança, o enunciado de Powell ganha mais poder. Marcar a existência de outros concorrentes, e introduzir o Brasil por meio do marcador argumentativo *but* é colocar o país em uma posição privilegiada.

O segmento que trata da candidatura do Brasil para o conselho de Segurança da ONU termina com o seguinte enunciado:

The United States says it will wait for recommendations of a U.N. panel on Security Council reform before taking a position, **but has seemed lukewarm to the idea of council expansions for any other country than Japan.**

Nota-se que o argumento final é introduzido pelo marcador **mas.** Essa oração subordinada adversativa coloca em cena a candidatura do Japão como sendo a privilegiada pelos Estados Unidos, que ocupam a posição sintática de sujeito da oração principal. Porém, pela voz do jornalista, além de ser sujeito do enunciado, *The United States* também ocupa a posição de sujeito da enunciação, como fica atestado pelo uso do verbo *says*. Novamente ocorre aqui um processo metonímico: toma-se a posição de representante político do país como sendo a posição-sujeito do próprio país. Além disso, apesar da omissão do sujeito na oração subordinada, *but has seemed* os Estados Unidos devem ser entendidos como ocupantes dessa posição.

O que se percebe é que o jornalista coloca entre aspas aquilo que ele considera como sendo uma fala necessária para as condições de produção políticas do momento. Essas condições de produção são marcadas pelo fato de Colin Powell ser um político visitando o Brasil e sendo obrigado a se comportar de maneira a criar condições adequadas para que seus objetivos políticos sejam atingidos. Seus objetivos, de acordo com a seqüência do texto seriam: as questões econômicas, o armamento nuclear e as crises políticas na América do Sul (cf anexo 2).

A questão de ocupar uma cadeira permanente no Conselho expandido de Segurança da ONU lhe foi colocada. No texto em Inglês, é introduzida por *When asked* (pág 59, 1º parág.) sem fazer referência ao autor da pergunta, deslocando assim a argumentação para a questão da vaga na ONU. Desse modo, a disputa pelo sentido se o Brasil ocupará uma cadeira na ONU ou não, tira o foco de outras razões da visita.

A resposta para essa pergunta está materializada no texto. Os argumentos se colocam de diversas formas: por meio das aspas, por meio da conjunção **mas**. Entretanto, o argumento final é introduzido quando se escreve que, se houver tal expansão, não há muito entusiasmo em relação aos países envolvidos, exceto para o Japão, como pôde ser visto acima.

Nesse sentido, os enunciados anteriores (*due to its democracy, its size, and its peacekeeping role in Haiti)* funcionam como argumentos a favor de uma política de bom relacionamento entre Brasil e Estados Unidos. Entretanto, a resposta à pergunta a respeito do conselho de segurança da ONU é dada pelo jornalista, ao longo do texto, por meio das aspas, e no final do segmento, por meio do *but.* Essa resposta, que é *não, o Brasil não é um sério candidato*, se apresenta de diversas maneiras, sem comprometer a política de bom

relacionamento entre os dois países durante a visita do representante do governo estadunidense.[19]

3.5 – As Formações Imaginárias e o deslizamento das posições-sujeito

No texto do site www.estadao.com.br, a opção pelo uso das aspas é menos freqüente, cedendo lugar ao uso de verbos de citação livre, como por exemplo: *disse, ressaltou, acredita, destacou*. As aspas somente foram usadas em duas sentenças no decorrer do texto.

Destacamos o seguinte segmento para análise:

> Brasil é bom e sério candidato para conselho da ONU, diz Powell
>
> São Paulo – O secretário de Estado dos Estados Unidos, Colin Powell, disse hoje que o Brasil é visto como um candidato bom, sério e importante para ocupar um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Powell ressaltou, no entanto, que os Estados Unidos não pensam em apoiar nomes agora, pois esperam os resultados do painel formado pelo secretário geral da ONU, Koffi Annan, que discute as reformas nas Nações Unidas e a eventual ampliação dos assentos permanentes no conselho de segurança.
>
> "A minha visão é de que eles querem ampliar, e o Brasil, com sua posição estratégica, é um candidato importante", disse, em resposta a pergunta de um empresário brasileiro sobre se os Estados Unidos apoiariam a demanda brasileira de ocupar assento permanente no

[19] A título de curiosidade: durante debate entre os dois candidatos à presidência do Brasil no ano de 2006, realizado no dia 8 de outubro, e transmitido pela rede Bandeirantes, o candidato à reeleição, Luís Inácio Lula da Silva, foi questionado a respeito da eficácia de sua política externa pelo candidato da oposição, Geraldo Alckmin. Um dos exemplos citados como argumento, foi o fato de o Brasil não ter sido indicado para ocupar o assento no conselho permanente de segurança da ONU no ano de 2004.

Conselho.

Powell ressaltou que a liderança do Brasil em questões como comércio mundial e participação em tropas de paz da ONU, por exemplo, tornam o País um bom e sério candidato.

Nota-se no segmento acima que as aspas estão destacando apenas um enunciado, e colocando-o como uma transcrição da fala de Colin Powell:

"A minha visão é de que eles querem ampliar, e o Brasil, com sua posição estratégica, é um candidato importante", ...

A partir da discussão que estamos propondo a respeito do aspeamento e sobre seus efeitos de sentido, nota-se que na sentença acima, o sujeito da oração principal é o sujeito da enunciação também, isto é, o representante do governo estadunidense -*"A minha visão..";* e o sujeito da subordinada: "*...**eles** querem ampliar."* O pronome *Eles*, aqui faz referência ao *painel formado pelo secretário geral da ONU, Koffi Annan, que discute as reformas nas Nações Unidas.* Portanto, há a delimitação entre Powell e o painel formado na ONU. Essa formulação estabelece um contraste com aquela feita em inglês, na qual não há distinção entre os integrantes do painel e os Estados Unidos/governo dos Estados Unidos, como pôde ser visto acima, na análise do pronome *we*.

Dessa forma, os traços das FIs no texto em Inglês não promove uma separação entre o governo dos Estados Unidos e a ONU, pois os dois estão presentes no pronome *we*. Por outro lado, na formulação em Português, essa separação está colocada. A ONU está

presente no pronome *eles*, e o governo dos Estados Unidos está presente na figura de Colin Powell que diz "A *minha visão..".*

Também, deve-se observar que no enunciado, *o Brasil, com sua posição estratégica, é um candidato importante*, os elementos que colocam o Brasil em uma posição positiva estão na fala de Powell, e não no texto produzido pelo jornalista. Dessa forma, fica colocado o elogio como tendo sido feito a partir da posição-sujeito de maior poder, que é a de Powell. O gesto de interpretação que produz efeitos de sentido a respeito do Brasil é feito, nessa estrutura, por Powell. A palavra *importante*, que aparece no primeiro parágrafo do segmento acima, qualificando a candidatura do Brasil, está amparada pelo enunciado atribuído a Powell

O último parágrafo do segmento do texto em Português, mantém a linha argumentativa no sentido de atribuir uma posição-sujeito de respeitabilidade para o Brasil, dessa vez em relação com outros países: *comércio mundial e participação em tropas de paz da ONU*.

No texto do site brasileiro, os efeitos de sentido produzidos pela argumentação seguem por uma direção, e não entram em cena argumentos contrários. A única oração adversativa a respeito dessa argumentação é introduzida pelo marcador *no entanto*. Essa oração coloca *que os Estados Unidos não pensam em apoiar nomes agora*, e a justificativa é mostrada em *...pois esperam os resultados do painel ...* .

Dessa forma, o texto em Português, focaliza um aspecto que é a possibilidade da participação do Brasil no Conselho da ONU e o desenvolve de maneira assertiva, qualificando positivamente o Brasil. Não há indícios, na materialidade do texto, de que essa qualificação sirva meramente como fator decisivo para criar as condições de produção

adequadas para a discussão de outros assuntos. O apoio dos Estados Unidos não se dá para ninguém, *pois os Estados Unidos não pensam em apoiar nomes agora*.

O segundo segmento do texto em Português, tem o seguinte sub-título: *EUA querem concluir Alca em 2005,* que funciona como delimitador entre os dois tópicos que serão desenvolvidos na reportagem. A partir do sub-título, a argumentação se desenvolve discorrendo sobre as negociações da Área de Livre Comercio das Américas (Alca) e sobre o posicionamento dos Estados Unidos e do Brasil neste processo.

A posição dos Estados Unidos é descrita pelo seguinte enunciado:

...ele (Colin Powell) *destacou ainda que o governo norte-americano está 100% comprometido em concluir as negociações...*

No exemplo acima *...ele* (Colin Powell) *destacou ainda que o governo norte-americano...*, Colin Powell é o sujeito do enunciado e sujeito da enunciação na oração principal. Na oração subordinada, o sujeito do enunciado é o *governo norte-americano*, sendo que Colin Powell é o seu sujeito da enunciação. Dessa maneira, ele ocupa a posição-sujeito de porta voz do governo. Essa posição – sujeito lhe confere autoridade para fazer os comentários, declarações durante sua visita.

Em seguida, argumentos e comentários são apresentados no texto jornalístico pelos verbos *acreditar* e *admitir,* mas o sujeito dos enunciados é Powell. Dessa forma, um deslizamento, novamente por efeito da metonímia, é operado: da posição-sujeito porta voz do governo estadunidense para a posição-sujeito de maior poder: do próprio governo estadunidense. Com esse deslocamento, os efeitos de sentido produzidos têm maior peso argumentativo:

...ele (Collin Powell) *acredita que a próxima reunião ministerial da Alca,... ,.... deverá destravar as negociações.*

...mas admitiu que há dificuldades no curto prazo, sobretudo nas questões ligadas ao fim dos subsídios agrícolas. Ainda assim, ele acredita que o acordo está próximo.

A partir da posição-sujeito governo estadunidense, os enunciados atribuídos a Powell, ganham força argumentativa, e há uma contingência sendo colocada em cena: a de fechar o acordo.

Mas o texto termina com a seguinte enunciação aspeada:

"O Brasil tem de saber que a realização da Alca continua a ser desejo dos Estados Unidos."

Na enunciação acima, a posição-sujeito de Powell, desliza de volta para a posição-sujeito porta voz do governo estadunidense. E o texto termina com a expressão do desejo dos Estados Unidos, citados nominalmente, em fechar o acordo.

Esses deslocamentos de posições-sujeito de Powell presentes na materialidade discursiva do texto jornalístico, são indícios das FIs que este sujeito têm sobre os Estados Unidos e sobre o Brasil. Os deslizamentos predominantes no texto, simbolizam o poder que os Estados Unidos exercem nas FIs do jornalista. Esse poder é tão forte, que além da posição-sujeito-porta-voz não ser questionada, ela é merecedora de lugar de destaque no texto. A enunciação final é aspeada e termina como o argumento decisivo: é desejo dos Estados Unidos em concretizar o acordo.

Na enunciação abaixo, materializa-se mais um traço das FIs do jornalista:

*Ele acredita que a próxima reunião ministerial da Alca**, co-presidida por Estados Unidos e Brasil ainda neste ano**, deverá destravar as negociações, mas admitiu que há dificuldades no curto prazo, sobretudo nas questões ligadas ao fim dos subsídios agrícolas*

O aposto em negrito é enunciado pelo jornalista, que atribui a Brasil e Estados Unidos uma posição-sujeito de poder equivalente na Alca. Essa equiparação se materializa no discurso pela utilização do termo *co-presidida*. Desse modo, as FIs que constituem o jornalista a respeito do Brasil não são homogêneas. Se por uma lado, há uma estabilização de uma posição privilegiado dos Estados Unidos sobre o Brasil, no que diz respeito à questões como o conselho de segurança, ou à Alça, por outro lado, há a possibilidade de encontrar espaços na incompletude da linguagem para marcar o desejo de uma equiparação entre os dois países.

Capítulo 4

Conclusão

Ao iniciarmos este trabalho, nos indagávamos como os discursos materializados nos textos eletrônicos selecionados dos sites www.cnn.com e www.estadao.com, apresentam marcas dos traços constitutivos das FIs de seus enunciadores, os jornalistas, a respeito do Brasil e do brasileiro. Tais traços, postos em circulação através dos seus efeitos de sentido a partir desses discursos, constituirão os traços das FIs do seus leitores.

Para realizar a análise, necessitamos levantar as condições de produção, que incluem a passagem pelo arcabouço teórico da AD, através da sua concepção de língua opaca e ideologicamente marcada, pela concepção do sujeito-efeito de linguagem, e pelo discurso materializado no texto. O modelo de representação/interpretação das FIs foi aquele elaborado por Pêcheux (1969). A partir deste modelo, foi possível verificar que as FIs, funcionamento discursivo da ordem do inconsciente, antecipam a argumentação de modo que há um (re)direcionamento d/na argumentação. Esse funcionamento, caracterizado por uma relação de poder discursivo, ocorre a partir das posições-sujeito em que os interlocutores se encontram, em um embate determinado pelo estado das relações de desigualdade e subordinação dessas diferentes posições-sujeito. Podemos, então, afirmar que as FIs têm como característica constitutiva, a desigualdade e a heterogeneidade que se estabelecem numa relação de poder.

O percurso desse funcionamento discursivo conduz a efeitos de sentido diferentes, de modo que, nestas condições de produção marcadas por relações de poder, se estabiliza o sentido colocado a partir da posição-sujeito mais privilegiada.

Para contribuir para com o deslocamento das FIs que a mídia impõe à sociedade, descrevemos brevemente a história da imprensa, cujo apresenta a origem discursiva das FIs que a institui, dentre elas o seu discurso verdadeiro e imparcial. A posição-sujeito jornalista é privilegiada, pois é ela que coloca em movimento os traços das FIs dos seus leitores. Buscamos traçar as condições de produção que possibilitaram que tais FIs se estabilizassem.

O funcionamento das FIs não pode ser compreendido separado da Ideologia, ou seja, gestos de interpretação que interpelam o sujeito e o constitui. Dessa forma, traços das FIs apresentadas nos dois textos jornalísticos, evidenciam a presença da ideologia no sujeito, sua relação com a exterioridade, ou seja, a historicidade deste jornalista. Na seqüência, o jornalista, a partir de suas FIs, escreve suas notícias produzindo sentidos, que formarão e/ou estabilizarão as FIs d/no leitor.

O ponto de contato que vemos entre as questões das FIs e a sala de aula, é mostrada nos traços das FIs que o professor de LE tem a respeito de textos autênticos utilizados no ensino da LE, ou seja, aqueles textos produzidos por falantes da língua alvo para fins reais, na sua maioria, extraídos da mídia impressa e eletrônica apresentam o significado equivalente a unidades léxico-sintáticas. Isso significa que o texto é interpretado como um conjunto de palavras (um código da LE) e estruturas gramaticais, que servirão de fontes para o ensino da língua alvo. O deslocamento proposto deste trabalho é que o texto seja compreendido como discurso.

O discurso corresponde ao lugar onde se pode observar a relação entre a língua e ideologia (Pêcheux). A partir dos efeitos de sentido produzidos destes discursos, o indivíduo é interpelado em sujeito, ou seja, o sujeito-professor ao levar um texto para a sala-de-aula, tem um objetivo principal, que é o de ensinar a língua-alvo, na dimensão do texto. As questões ideológicas são deixadas de lado, pois, como afirmado acima, o ensino da LE embasada na estrutura é constitutiva das FIs do sujeito-professor de LE. Da mesma forma, o sujeito-elaborador de material didático, ao selecionar um texto (ou qualquer outro tipo discursivo), o faz sob gestos de interpretação previamente determinados. A escolha deste ou daquele texto é oriunda da ideologia que o interpela e o constitui. Conseqüentemente, os efeitos de sentido produzidos a partir destes discursos interpelarão os gestos de interpretação e constituirão as FIs dos sujeitos-alunos; estas últimas, ainda, deslocá-las ou estabilizá-las.

A reflexão proposta neste trabalho, a partir da compreensão dos mecanismos de interpretação embasados na AD, é que os professores de LE, assim como os elaboradores de materiais didáticos, questionassem a transparência da língua alvo, fazendo-se entender que diferentes Formações Ideológicas constituem aquela língua, e a ideologia não está no esconder dos sentidos, mas sim, evidenciada na materialidade n/daquele discurso. Consequentemente, propõe-se que, a partir desse novos gestos de interpretação, o professor

provoque um deslocamento nas FIs dos alunos a respeito do aprender uma LE, sua comunidade e suas possíveis ideologias, ou seja, gestos de interpretação constitutivos dos sujeitos daquela comunidade. Porém, a compreensão dos mecanismos de interpretação, não isenta os sujeitos envolvidos neste processo discursivo da formação e da estabilização de pré-concebidos a respeito da própria comunidade e a da comunidade da língua em aprendizagem. Pois, afirma Pêcheux (1975) que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

Analisamos os dois textos na sua materialidade e organização discursiva. Entendemos que os textos escritos pelos jornalistas, americano e brasileiro, colocam em circulação traços de suas FIs a respeito dos objetos a partir dos gestos de interpretação que os constituem/interpelam. Como foi dito na análise, alguns traços das FIs estão materializadas através das aspas, e elementos sintáticos do texto, como por exemplo, os verbos e pronomes.

O estudo de Authier-Revuz (*op.cit* .) das aspas nos mostrou que, além dos usos elencados pela autora, as aspas podem mostrar marcas de denegação. A denegação, segundo Castro (1992:5) é um modo de verdade (a verdade do inconsciente) de se revelar e ocultar ao mesmo tempo. Desse modo, o enunciador, interpelado por gestos de interpretação, quando 'limita' o sentido pelo uso das aspas, o faz pela ilusão da estabilização / univocidade do sentido daquela palavra, ao mesmo tempo que, apresenta traços de denegação, que direcionam os gestos de interpretação à polissemia. Assim, o não aspeamento 'do sentido', denegaria o sentido polissêmico da palavra, conduzindo a interpretação ao sentido único, literal.

No texto 1 quando analisamos o seu título, *Powell calls Brazil "serious candidate" for UN Security Council*, concluímos que, as aspas indicam os efeitos de sentido para o sintagma diferentes daquele que as ausências tais marcas indicariam. Por outro lado, no texto em português, *Brasil é bom e sério candidato para o conselho da ONU, diz Powell,* pudemos observar que, o não uso das aspas indica que o sintagma *sério candidato* deve ser lido como não polissêmico. Além disso, há o acréscimo do adjetivo *bom* ao sintagma. Há portanto, dois traços das FIs a respeito do Brasil em cena a partir da posição-sujeito jornalista. Como tais posições-sujeito funcionam segundo uma ordem discursiva, os efeitos

de sentido produzidos são diferentes. O jornalista brasileiro atribui ao Brasil uma posição diferente daquela atribuída pelo jornalista americano.

Outro resultado importante verificado na análise, que afeta diretamente as FIs, é o funcionamento das posições-sujeito e seus deslizamentos. Nos texto em inglês, os deslizamentos das posições-sujeito: porta-voz do governo estadunidense, governo estadunidense e nação dos Estados Unidos, causam um efeito de sentido, tal que sua ressonância pode ser verificada no texto 2, a partir de gestos de interpretação do jornalista, materializada nas citações das enunciações de *Powell*. A posição do enunciador, assim como seu não questionamento, legitimam o poder discursivo que as FIs produzidas por estas enunciações têm sobre as FIs do jornalista brasileiro.

Ainda em se tratando do jornalista brasileiro, seus desejos de equivalência entre o Brasil e os Estados Unidos, se mostram na análise no último parágrafo do texto, no qual o jornalista afirma que uma reunião sobre a Alca *seria co-presidida por Estados Unidos e Brasil*. Apesar desse desejo, pode-se constatar, no exemplo acima, que o país de maior poder político, os Estados Unidos, é mencionado antes do país do jornalista (o Brasil) no sintagma. Quem vem antes, tem mais poder?

Desse modo, brasileiro vai sendo constituído pelos efeitos de sentido do discurso da imprensa brasileira e o leitor estrangeiro, pela imprensa em inglês. Se considerarmos novamente, que o professor utiliza tais textos em sua sala-de-aula, podemos dizer e mostrar aos alunos que é nesse lugar, no discursivo, que as FIs a seu próprio respeito e a respeito dos Estados Unidos estão marcadas, e a circulação discursiva, constitui(ra) seus leitores.

Esse contraste é importante porque conforme dito anteriormente, as FIs são base para a argumentação. Se as FIs a respeito do brasileiro, constituída pela imprensa brasileira, o coloca em uma posição diferente daquela que a imprensa em língua inglesa o coloca, a linha argumentativa de um brasileiro é diferente da linha argumentativa de um falante de inglês.

O material didático, ao apresentar os textos extraídos da internet, realmente possibilita, tal qual afirma Grigoletto, o entrecruzamento de diversos discursos que circulam em uma comunidade. Entretanto, tal qual o afirma a autora, a possibilidade de reflexão sobre a diversidade fica apagada no material didático.

Consideramos no início dessa conclusão, que os materiais didáticos são tratados como textos. Estamos propondo que o texto seja compreendido como discurso e que o

professor, a partir do contraste entre dois textos diferentes sobre o mesmo assunto mostre o funcionameto das formas do discurso.

Para a sala de aula, as conseqüências da compreensão do funcionamento discursivo, implica em um deslocamento das posições-sujeito destinadas a professores e a alunos. Esse deslocamento, se dá na medida em que a língua, tanto materna quanto estrangeira, caracteriza-se como lugar de embate político entre posições-sujeito distintas, determinadas por FIs distintas.

A proposta, a partir deste trabalho para uma investigação futura, teria como objetivo a reflexão e o deslocamento do professor de LE, através da observação do funcionamento discursivo constitutivo da sala de aula de LE, em relação às seguintes concepções:

- de sujeito (professor e aluno),
- de língua (estrangeira) e discurso, e
- de ensinar e aprender uma língua (estrangeira),

embasadas nas teorias de AD, resultante das idéias do materialismo histórico (Teoria Marxista), do sujeito afetado pelo inconsciente (Psicanalítica) e, finalmente a concepção da linguagem não-transparente (Lingüística). Desse modo, o deslocamento esperado na prática de ensino, seria da concepção do texto como objeto de ensino de LE, conjunto de estruturas gramaticais e lexicais, para a interpretação deste como objeto de discurso, marcado ideologicamente.

Desse modo, o resultado esperado, ou seja, os deslocamentos propostos acima, afetaria por sua vez os alunos, ou seja, sua formação discursiva e seus gestos de interpretação.

Bibliografia

ABRAMO, PERSEU. *Padrões de Manipulação na Grande Imprensa*. Ed. Fundação Perseu Abramo. 2003

ALBERT, P.; TERROU, F. *Historia da imprensa.* Ed. Martins Fontes. 1990

ALTHUSSER, LOUIS. *Aparelhos Ideológicos de Estado.* Trad. Walter J. Evangelista e Maria L. V. de Castro. Edições Graal. 1989. 4ª Ed.

AUTHIER-REVUZ, JACQUELINE. *Palavras Mantidas a distância.* In *Entre a Transparência e a Opacidade.* Porto Alegre: Edipucrs. 2004

AYBENASM, F.; BENASYAG, M. *A Fabricação da Linguagem*. Edições Loyola. 2003

BOLOGNINI, CARMEN Z. *A Língua Estrangeira como refúgio. Em Identidades e Discurso*. Coracine, Maria J. (org.). Ed. Universitária Argus/ Ed. Unicamp. 2003

_____*O Lugar de Interlocução de Brasileiros e Alemães na História de suas relações de contato.* Tese de Doutorado. Unicamp. 1996.

BORGE, ROSANE S. (org.). *Jornal Impresso: da forma ao discurso*. Paulínia. SEPAC. 2003

CASTRO, ELIANA M. *Psicanálise e Linguagem.* Ed. Ática. 1992.

COURTINE, JEAN-JACQUES. *A Estranha Memória da Análise do Discurso.* Em *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: Uma Relação de nunca Acabar*. Indusky, F.; Ferreira, Maria C. L. (org.). Ed. Claraluz. 2005.

DINES, ALBERTO [et. al.], (org.). *A imprensa em Questão* –Ed. Unicamp1997.

FERRARI, POLLYANA. *Jornalismo Digital*. Editora Contexto. 2003

FOUCAULT, MICHEL. *A ordem do Discurso.* Edições Loyola. 2002 (8ª ed .)

_____ *A Arqueologia do Saber.* Ed. Fiorenze Universitária. 2002 (6ª ed.)

GADET, F.; HAK, T. (orgs*). Por uma Análise Automática do Discurso – Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani [et. al.]. Campinas: Ed. Unicamp. 3ª ed. 1997.

GINZBURG, CARLO. *Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário.* Em *Mitos, Emblemas E Sinais.* Companhia das Letras. 1991.

GOMES, MAYRA R. *Poder no Jornalismo*. Ed. Usp. 2003

GRIGOLETTO, MARISA. *O Discurso do Livro Didático de Língua Inglesa: Representações e Construção de Identidades.* Em *Identidade e Discurso*. Maria José Coracini (org). Ed. Unicamp. 2003.

GUIMARÃES, EDUARDO. *Semântica do Acontecimento*. Ed Pontes. 2002.

HENRY, PAUL. *A história não existe?* Em *Gestos de Leitura: da história no discurso,* Ed. Unicamp. 1997.

_____*Os Fundamentos Teóricos da "Análise do Discurso de Michel Pêcheux (1969).* Em *Por uma análise automática do discurso – Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux* - GADET, F.; HAK, T. (orgs*).* Tradução de Bethânia S. Mariani [et. al.]. Campinas: Ed. Unicamp. 3ª ed. 1997.

LAGE, NILSON. *A linguagem Jornalística.* Ed. Ática. 2002.

_____ *Ideologia e Técnica da Notícia*. Ed. Vozes. 1979

MAINGUENEAU, DOMINIQUE. *Novas Tendências em Análise do Discurso.* Ed. Pontes 3ª ed. 1997

MARIANI, BETHANIA SAMPAIO CORRÊA, *Imprensa de 1930 e Memória Histórica: uma questão para a Análise do Discurso.* Dissertação de mestrado. Unicamp. 1988

_____ *Os Primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória).* Em Discurso Fundador, Eni P. Orlandi (org.)

Editora Pontes. 1993.

OLIVEIRA, L.L. *Americanos- Representações da Identidade nacional no Brasil e nos EUA.* Belo Horizonte: Editora UFMG. 2000.

ORLANDI, ENI P. *As formas do silêncio; no movimento dos sentidos*, Ed. Unicamp1992

_____ *Interpretação , Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico.* Ed. Pontes.1996.

_____ *Discurso e Leitura.* Ed. Cortes e Ed Unicamp. 1998.

_____ *Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos.* Ed. Pontes.1999.

_____ *A linguagem e seu Funcionamento.* Ed. Pontes. 2003.

PÊCHEUX, MICHEL. *Semântica e Discurso - Uma Crítica à Afirmação do Óbvio.* Ed. Unicamp.1997.

_____ *Análise Automática do Discurso (AAD-69).* Em *Por uma Análise Automática do Discurso – Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. GADET, F.; HAK, T. (orgs*).* Tradução de Bethânia S. Mariani [et. al.]. Campinas: Ed. Unicamp. 3ª ed. 1997.

_____ *Ler o Arquivo Hoje*. Em *Gestos de Leitura*. Orlandi, E.P (org.). Ed Unicamp. 1997

_____ *O Discurso – Estrutura ou Acontecimento.* Ed. Pontes. 2002.

ROSSI, CLOVIS. *O que é Jornalismo.* Ed. Brasiliense. 1985

SODRÉ, NELSON WERNECK. *A Historia da Imprensa no Brasil*. RJ. Ed. Mauad. 1999.

THOMPSON, JOHN B. *A Mídia e a Modernidade - Uma Teoria Social da Mídia.* Ed. Vozes. 1995.

VIANA, RUTH PENHA ALVES. *Informatização da Imprensa Brasileira.* Edições Loyola. 1992.

Sites

http://www.estadao.com.br

http:// cnn.com

http://www.turner.com

Anexos

Anexo1

Análise dos materiais didáticos elaborados pelo Instituto de Idiomas Yázigi para o ensino da Língua Inglesa como LE. Site - http://www.yazigi.com.br

Livro	Nível	Site	Unidade
Make your Point 01	Intermediário 1	http://kieli.diaryland.com/070802.html	01 pág. 12
		www.chinese.astroligy.com	02 pág. 14
		www.in-meory-of-pets.org	02 pág. 19
		www.nanceestar.com/pet.html	02 pág.19
		www.aspca.org/site	02 pág. 22
		www.familywatch.org/library	03 pág. 25
		www.journeyworks.com/art/5062spr.gif	03 pág. 32
		www.wholefamily.com/abouttennsnow/sexuality/	03 pág 34/35
		www.totalimageconsultants.com/quizfrm.html	04 pág 37
Make Your Point 2	Intermediário 2	www.wurekalert.org/pub_releases/2001-10/uow-nsc100801.php	01 pág 15
		www.news.bbc.co.uk/2/hi/africa/3195170.stm	01 pág 17
		www.clearwaterschool.com	02 pág 28
		www.hiroshimastarship.org	03 pág 31
		www.jobsamart.org/tools/resume/res-chr4.cfm	03 pag 37
		www.esmational.org/sp/we/world.htm	03 pag 39
		www.myhero/readingroom/addbook.asp?hero=wte_here&section=3	05 pag 60
Make Your Point 3	Intermediário 3	http://www.humormatters.com/definiti.htm	01 pag 5
		http://library.thinkquest.org/25500/index.ht?tqskip1=1	01 pag 5
		www.globalissues.org/HumanRights/Media/Intro.asp	02 Pag 17
		www.americanrhetoric.com/speeches/Ihaveadrea.html	03 pag 38
		Http//ecoturism.org	04 pag 45

Anexo 2

Fonte : http//www.cnn.com

Data da publicação: 05/10/2004

WORLD

Powell calls Brazil 'serious candidate' for U.N. Security Council

From Elise Labott
CNN
Tuesday, October 5, 2004 Posted: 10:09 PM EDT (0209 GMT)

SAO PAULO, Brazil (CNN) -- Brazil is a serious contender for a possible spot on an expanded U.N. Security Council, due to its size and its non-nuclear status, Secretary of State Colin Powell said Tuesday.

When asked if he would support Brazil for a seat on the Security Council, Powell said he was waiting for the results of an independent report from the council.

He said he didn't want to single out a specific country, but he thought Brazil "would be a serious candidate in an expanded format."

"As we look at expansion, Brazil has to be looked at" due to its democracy, its size, and its peacekeeping role in Haiti, Powell told business leaders in a speech.

Along with Germany, Japan and India, Brazil is lobbying for a permanent seat on the council.

In January, Brazil took a two-year seat on the council. The United States says it will wait for recommendations of a U.N. panel on Security Council reform before taking a position, but has seemed lukewarm to the idea of council expansions for any other country than Japan.

Later, Powell told reporters as he traveled to Brasilia to meet with President Luiz Inacio Lula da Silva, that the United States knows "for sure" that Brazil isn't thinking about nuclear weapons.

"North Korea and Iran are the concerns we are worried about, not Brazil," said Powell, who arrived in the South American country Monday for a that trip he said displayed U.S. interest in its hemispheric neighbors.

The Bush administration considers Brazil, in particular, a key ally in helping to stabilize the Western Hemisphere, a region hampered by political and economic crisis.

Brazil is South America's largest country and economy. "Brazil is playing a more significant role not only in the hemispheric sense but on the international stage as well," Powell said.

Since sweeping into office in 2003, da Silva -- a former shoeshine boy-turned-trade activist, now commonly known as Lula -- has taken on a greater leadership role in the region. Brazil formed the Friends of Venezuela group of nations in an effort to diffuse tensions between embattled President Hugo Chavez and opposition groups.

Brazil also is playing a major role in Haiti, taking charge of a 4,000 member-strong UN peacekeeping force there in June, the first military intervention by the South American power in close to 40 years. Argentina, Chile and Uruguay have also committed troops, which U.S. officials call a positive demonstration of South and Latin America managing their own affairs.

Beyond the hemisphere, da Silva has sought to portray Brazil, which has the fifth largest population in the world, as a powerhouse among developing nations deserving of a greater say on the world stage.

Da Silva also has been outspoken about the need to address poverty and hunger as the root causes of terrorism and war. He proposed poverty and hunger eradication initiatives at a speech during last month's U.N. General Assembly.

Relations between the United States and Brazil hit a low point in January, when Brazil objected to the fingerprinting of its nationals entering the United States. When the Bush administration refused to grant Brazilian travelers special status, Brazil began fingerprinting all U.S. travelers entering the county.

U.S. officials say the tensions have subsided, and Powell pointed to a close personal relationship between da Silva and President Bush.

Powell will travel from Brazil to Grenada on Wednesday. The secretary's visit to the island nation will only last a few hours, as the damage to the infrastructure and transportation systems precludes a longer visit, he said.

"We can't stay for long because they are still struggling in the aftermath of the hurricane, and the facilities are rather austere," he said. "We didn't want to overload the circuits."

Hurricane Ivan killed 37 people and damaged about 90 percent of the buildings on Grenada, leaving nearly half the population of 100,000 without shelter, according to an assessment by the U.N. Office for the Coordination of Humanitarian Affairs.

Anexo 3

Fonte : http//www.estadao.com.br

Data da publicação: 05/10/2004

Brasil é bom e sério candidato para conselho da ONU, diz Powell

São Paulo – O secretário de Estado dos Estados Unidos, Colin Powell, disse hoje que o Brasil é visto como um candidato bom, sério e importante para ocupar um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Powell ressaltou, no entanto, que os Estados Unidos não pensam em apoiar nomes agora, pois esperam os resultados do painel formado pelo secretário geral da ONU, Koffi Annan, que discute as reformas nas Nações Unidas e a eventual ampliação dos assentos permanentes no conselho de segurança.

"A minha visão é de que eles querem ampliar, e o Brasil, com sua posição estratégica, é um candidato importante", disse, em resposta a pergunta de um empresário brasileiro sobre se os Estados Unidos apoiariam a demanda brasileira de ocupar assento permanente no Conselho.
Powell ressaltou que a liderança do Brasil em questões como comércio mundial e participação em tropas de paz da ONU, por exemplo, tornam o País um bom e sério candidato.

EUA querem concluir Alca em 2005

O secretário iniciou agora pela manhã, em São Paulo, sua visita ao Brasil. Ele tomou café da manhã com cerca de 200 empresários em evento organizado pela Câmara Americana de Comércio de São Paulo. Na ocasião, ele destacou ainda que o governo norte-americano está 100% comprometido em concluir as negociações da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) no início de 2005, conforme o cronograma de negociações.
Ele acredita que a próxima reunião ministerial da Alca, **co-presidida** por Estados Unidos e Brasil ainda neste ano, deverá destravar as negociações, mas admitiu que há dificuldades no curto prazo, sobretudo nas questões ligadas ao fim dos subsídios agrícolas. Ainda assim, ele acredita que o acordo está próximo. "O Brasil tem de saber que a realização da Alca continua a ser desejo dos Estados Unidos."

Paula Puliti